

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Instituto de Psicologia

**O ESTATUTO DO PRAZER EM FREUD**

Stephanie Soares Brum

2016

# O ESTATUTO DO PRAZER EM FREUD

Stephanie Soares Brum

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Psicólogo (a).

Orientadora: Regina Herzog

Rio de Janeiro

Março/2016

## Folha de Aprovação

### **O ESTATUTO DO PRAZER EM FREUD**

Stephanie Soares Brum

Orientadora: Regina Herzog

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos à obtenção do título de Psicólogo(a).

Aprovada por:

---

Profa. Dra. Regina Herzog

Rio de Janeiro

Março/2016

## **Agradecimentos**

A professora Regina Herzog, pela disponibilidade em me orientar neste projeto; pela confiança, paciência e leveza com que me ajudou a atravessar mais esta etapa; pelas discussões e contribuições teóricas que tanto foram importantes neste processo.

À equipe de pesquisa do NEPECC, pelos debates e aprendizado que fizeram-me contemplar questões para além da graduação.

À todos os professores do Instituto de psicologia, pelas aulas que tanto contribuíram para à minha formação enquanto psicóloga.

A meu supervisor Sergio Gomes, pelas supervisões sempre muito enriquecedoras.

À toda a equipe de estágio cujas discussões colaboraram enormemente para meu aprendizado.

À meus pais Carlos e Marta, por sempre acreditarem em mim; pelo carinho, amor e paciência com o qual me ajudaram nesta jornada.

A minha irmã Tiphane, pelo olhar de admiração que sempre me impulsionou e pelos momentos de descontração.

Aos amigos sempre presentes ao longo deste percurso.

## **Resumo:**

Na atualidade, deparamo-nos com uma busca imperativa pelo prazer. No entanto, esta parece não ser pautada em uma lógica desejante, tal como proposto por Freud em suas postulações acerca do princípio do prazer. Assim, tendo em vista às discussões referentes às novas formas de sofrimento encontradas na clínica contemporânea, fomos impulsionados a estudar o desenvolvimento do conceito prazer em Freud e da dinâmica a ele associada. Partindo então do proposto pelo pai da Psicanálise sobre o prazer, e das modificações que figura ao longo da obra, buscamos ter uma melhor compreensão das questões referentes ao panorama atual. Primeiramente nos direcionaremos às considerações referentes à questão do prazer na atualidade, para que, em um segundo momento, possamos dedicar-nos ao desenvolvimento deste conceito fundamental na própria obra freudiana. Para finalizar, vamos retomar as observações referentes à atualidade.

Iniciaremos nossos estudos sobre a obra freudiana pela noção de prazer apresentada em: "Projeto para uma psicologia científica" (1895); em seguida vamos abordar alguns textos chave a fim de entender o desenvolvimento deste que enquanto processo chega a se apresentar como originário do psiquismo. Por fim, debruçaremos-nos sobre a questão da repetição e o surgimento de um "Além do princípio do prazer" (1920), no qual Freud retoma alguns pontos, promovendo uma mudança radical no que tange as "Formulações sobre os dois princípios de funcionamento psíquico" (1911).

Palavras chave: Prazer - Desprazer - Repetição - Desejo - Contemporaneidade

## Sumário

<b>Introdução</b> .....	<b>7</b>
<b>Capítulo 1: Dos primórdios do desprazer nas primeiras considerações do "Projeto para uma psicologia científica"(1895) à primazia do prazer apresentada em "A Interpretação dos Sonhos" (1900).</b> .....	<b>13</b>
<b>1.1 - O prazer à luz do "Projeto para uma psicologia científica" (1895)</b> .....	<b>14</b>
<b>1.1.1 - O aparelho neuronal de 1895</b> .....	<b>14</b>
<b>1.1.2 - Desprazer - Prazer</b> .....	<b>18</b>
<b>1.1.3 – A experiência de satisfação</b> .....	<b>19</b>
<b>1.1.4 – A experiência de dor</b> .....	<b>21</b>
<b>1.2 - O prazer à luz do aparelho psíquico de 1900</b> .....	<b>22</b>
<b>1.2.1 – A censura</b> .....	<b>23</b>
<b>1.2.2 – O desejo na primeira tópica</b> .....	<b>24</b>
<b>1.3 – Paralelos entre o "Projeto para uma psicologia científica"(1895) e a “Interpretação dos sonhos”(1900)</b> .....	<b>25</b>
<b>Capítulo 2: Princípio do Prazer X Princípio de realidade - A base do funcionamento do aparelho psíquico Freudiano.</b> .....	<b>27</b>
<b>2.1 - Do Prazer a Realidade</b> .....	<b>27</b>
<b>2.2 – Processo primário e processo secundário</b> .....	<b>33</b>
<b>2.3 - O desprazer na angústia e as formações de compromisso</b> .....	<b>35</b>
<b>2.3.1 – A angústia</b> .....	<b>35</b>
<b>2.3.2 – Formações de compromisso</b> .....	<b>37</b>
<b>Capítulo 3 - A morte bate a porta: introdução de um novo dualismo pulsional</b> .....	<b>40</b>
<b>3.1 – A repetição</b> .....	<b>40</b>
<b>3.1.1 - Desejo e repetição</b> .....	<b>41</b>
<b>3.1.2 - Recalque e repetição</b> .....	<b>43</b>
<b>3.1.3 - O caráter compulsivo da repetição</b> .....	<b>45</b>

<b>3.2 – A pulsão de morte</b>	<b>49</b>
<b>4 – Considerações Finais</b>	<b>54</b>
<b>5 - Referências Bibliográficas</b>	<b>58</b>

## Introdução

Atualmente, nos deparamos com algumas modificações na dinâmica social contemporânea, assim como no discurso dos sujeitos inseridos nesta. Tais indivíduos se sentem desadaptados, sofrendo por não corresponderem a um ideal socialmente esperado. De maneira geral, defrontamo-nos atualmente com uma busca constante pelo prazer como uma característica de seu sofrimento; busca esta onde, muitas vezes, não podemos observar uma formação desejante. A busca pelo prazer que tem sido examinada com frequência nos pacientes contemporâneos mostra, via de regra, que o sujeito nunca se sente satisfeito com o prazer encontrado. Ou seja, é uma busca infundável, fruto talvez de um "posso mais que isso". O fato de não se tratar de um "querer mais" e sim de um "poder mais" parece mover esses sujeitos. Tendo em vista as considerações sobre este panorama, o presente trabalho visa estudar o desenvolvimento do conceito de prazer na obra freudiana; pois julgamos que este é o passo inicial para o estudo de uma temática mais ampla.

Acompanhando o pensamento freudiano podemos depreender que o sistema inconsciente opera como motor do desejo. Que move o sujeito em uma busca constante. Busca de que? O desejo seria a tentativa de reviver uma satisfação experienciada, onde, as novas formas eleitas como possíveis substitutas para essa satisfação primordial acabam se deparando com o advento da moralidade e das leis; que acaba por produzir um conflito neste sujeito entre o desejo e a proibição. Pensando nisso, Freud (1900) nos ensina que este desejo gerador de um conflito psíquico é recalcado, e como conteúdo inconsciente que passa a ser - impedido de advir à consciência - busca sua satisfação por vias indiretas. O *tecido desejante* se forma em conformidade com a teia fantasmática, e, como recalcado que é, o desejo necessita de formas camufladas a fim de se realizar, e assim tentar alcançar a satisfação. No entanto, quando pensamos nas formas de expressão subjetivas da contemporaneidade, observamos que estas parecem falar a favor de um sujeito distanciado de seu desejo, cujo motor desejante se encontra empobrecido (BIRMAN, 2005). Um sujeito que apenas *quer*. Querer, como algo almejado, no entanto, de forma consciente e sem um tecido fantasmático que lhe dê suporte.

Tem sido muito debatido no meio psicanalítico a mudança do discurso trazido na clínica pelo paciente contemporâneo. O sintoma trabalhado por Freud tinha um caráter conflitual, uma formação de compromisso que se dava entre o recalcado e a consciência. O que fazia com que esse conteúdo recalcado - a fim de advir à consciência - sofresse as



deformações impostas pela censura; gerando uma formação sintomática que satisfaria tanto o desejo inconsciente quanto as exigências da censura. Assim, a formação sintomática ganha o estatuto de uma formação de compromisso – juntamente com as demais formações do inconsciente -, e também do retorno do recalado, como assinalado por Laplanche & Pontalis (2012, p. 198 - 199).

Atualmente temos nos deparado com uma mudança deste quadro, o sintoma observado na clínica da contemporaneidade vem se apresentando em grande escala como uma forma de sofrimento psíquico esvaziada de significado, uma dor, uma angústia do indizível. Se caracterizando ainda por um baixo índice de interiorização<sup>1</sup>. Os pacientes contemporâneos, designados como: falso self, casos limites, narcísicos, ou outra nomenclatura que possam receber, trazem em seu discurso certo empobrecimento no desejar, no fantasiar, em se localizar<sup>2</sup>; o que nos coloca diante da difícil tarefa de pensar em como trabalhar em uma clínica, cujo pressuposto e motor se encontram pautados sobre o desejo do analisando, enquanto temos observado uma crescente escassez deste.

O paciente que nos consulta hoje chega com um padecer que não é sintoma, que não lhe causa perguntas. Vai ao analista porque já não tolera seu sofrimento. As consultas mudaram muito como eficácia do discurso capitalista no devir de cada sujeito. Hoje, consultam-se dependências, anorexias, bulimias e todo tipo de transtornos que não atingem o estatuto do sintoma como Freud o define. (ZUBERMAN, 2009)

Segundo Pinheiro (2012), o aparelho psíquico freudiano se organizaria a fim de se defender do desejo, como podemos observar nas formulações sobre o recalque e a satisfação através das formações de compromisso. No entanto, na neurose, essa organização defensiva sempre falha. Sobre esse assunto Birman (2005) afirma que seguindo a tese fundamental de Freud de que os sonhos seriam realizações de desejos, o desejo se encontra no âmago do sujeito, sendo também aquilo que o move. Em: "Inibição, sintoma e angústia" (1926), Freud afirma que devem existir formas diversas de defesas, e não apenas o recalque, abrindo a possibilidade de pensarmos nas formas de defesa anteriores a esta. Formas de defesa

---

<sup>1</sup> BIRMAN, 2014, p.91

<sup>2</sup> Se localizar enquanto sujeito perante o outro.

anteriores, para problemas a serem resolvidos em momentos anteriores<sup>3</sup> do desenvolvimento psíquico.

Quando pensamos na clínica da contemporaneidade, deparamos-nos com casos que parecem não seguir a via do recalque. Acompanhando o proposto por Freud em 1914<sup>4</sup>, onde seria necessária “uma nova ação psíquica” para que ocorra a passagem do auto erotismo ao narcisismo, e tendo em vista que esta nova ação psíquica se dá com a constituição de um Eu - que então será capaz de assumir o estatuto de objeto de investimento libidinal -; podemos pensar que, no caso das novas formas de adoecimento contemporâneo, o dilema<sup>5</sup> parece pertencer ao âmbito existencial. Da constituição destes sujeitos enquanto *sujeito individual*; dotado de um Eu capaz de suportar as constantes exigências a ele impostas, articulando-as e fazendo valer também a *sua vontade* (FREUD, 1923). Podemos pensar neste dilema da existência como algo que impossibilite, ou dispare a dificuldade observada nestes pacientes em falarem de si. Frases como "Não estou acostumado a falar de mim." tem sido ouvidas com grande frequência na clínica.

A ausência de uma autoridade simbólica tem sido apontada por diversos autores, como Birman (em entrevista para o “CPFL Cultura” em 07/07/2014) como uma das marcas da pós modernidade, onde, juntamente com a “morte de Deus” nos deparamos com a queda, ou ao menos enfraquecimento do mundo patriarcal e uma crescente relativização<sup>6</sup>. “(...) o mal-estar na civilização do qual falava Freud agravou-se muito a despeito de certos fatos que ainda estão para ser interpretados, como a liberação dos costumes e muitas outras supressões de recalcamientos que outrora pesavam demasiadamente.” (GREEN, 2008 [2002] p. 285). Esta ausência de limites simbólicos sinalizada acaba por se alinhar com uma falta de limites sociais, econômicos e até mesmo espaciais que podemos observar na vida prática diariamente, provenientes da dinâmica social de um mundo globalizado.

---

<sup>3</sup> Não estou certa de que podemos nos referir a conflitos em todos os casos, visto que para haver conflito deve haver sujeito, e hoje já sabemos que algumas falhas ocorrem na própria constituição do subjetivo. Ao mesmo tempo podemos pensar em um conflito pulsional, este estando sempre presente.

<sup>4</sup> "Introdução ao narcisismo"

<sup>5</sup> E talvez aqui possamos pensar em algo da ordem de um conflito.

<sup>6</sup> Esta relativização traz a idéia de que tudo seria relativo, não havendo mais certo ou errado, ao menos não em sua forma categórica, não haveria mais uma figura que impere definindo estes valores para todos os sujeitos.

(...) em termos psicanalíticos, poder-se-ia dizer que o homem se encontra na situação de desamparo em meio a uma dispersão pulsional. Ou seja, não se trata de um vazio de Deus [que seria uma falta deste], mas de uma ausência de toda e qualquer referência. (HERZOG, 1999, p. 70)

Esta ausência de uma autoridade simbólica está deveras relacionado com a noção de uma cultura auto centrada cujo fruto podemos apontar como uma falha na constituição subjetiva dos ditos *pacientes contemporâneos*. Tendo em vista o proposto por Freud em 1914<sup>7</sup>, deparamos-nos com uma ferida narcísica constituinte do ser humano, que corresponde à castração sofrida por “Sua majestade o bebê” em seu processo de idealização (MOGABRI, HERZOG, 2006). Mas nestes pacientes contemporâneos nos deparamos com uma *falha*, que parece apontar para algo de outra ordem: uma falha no próprio processo de *constituição* narcísico destes sujeitos.

Como apontado por Herzog e Pacheco-Ferreira (2014), no final do século XX pode ser observada uma prevalência do olhar voltado para si próprio, em detrimento do direcionamento para o outro. Logo, podemos pensar em uma dificuldade do desejar em meio a esta dinâmica onde os sujeitos sofrem uma falha na constituição narcísica, visto que o outro não o espelha, nomeando-o e localizando seu desejo. Birman afirma sobre isto que: "(...) a figura do *infantil* não é hoje mais representada pela figura de "sua majestade o bebê" (...) pois uma perda de investimento narcísico fundamental foi produzida na contemporaneidade." (BIRMAN, 2014, p. 91). É claro que não podemos generalizar a questão, esta se mostra muito mais complexa do que pode parecer em um primeiro momento. Logo, não podemos perder de vista que: 1) As feridas narcísicas são marcas carregadas por todos os sujeitos em maior ou menor grau. As falhas narcísicas observadas nos pacientes contemporâneos, no entanto, parecem advir de algo mais profundo, uma falha na própria constituição subjetiva; 2) A queda da autoridade simbólica e a concepção de uma relativização subjetiva - que também, embora se trate de uma marca da contemporaneidade, não deve ser generalizada e pensada como algo intrínseco do sujeito contemporâneo como um todo - sem dúvidas promove de alguma forma uma quebra dos limites antes impostos à estes sujeitos<sup>8</sup>. Podemos pensar que falhas nestes

---

<sup>7</sup> “Introdução ao narcisismo”

<sup>8</sup> Neste momento nos remetemos aos limites simbólicos incorporados a partir das figuras parentais no narcisismo, e que a partir da instância ideal do Eu irá reger, a busca por sua satisfação narcísica, que em um momento anterior do desenvolvimento era regida pela relação parental. (MOGRABI e HERZOG, 2006). O que leva-nos a considerar que, se os ditos casos limites, narcísicos, etc, sofreram uma falha neste processo, e não um *corte castrador*, possivelmente a introjeção destes limites simbólicos também tenha sofrido esta falha.

processos sempre ocorreram; no entanto, na contemporaneidade observamos um fenômeno diferenciado na clínica, não apenas no que tange a frequência com que nos deparamos com estes pacientes, mas também, com a possibilidade de um novo estatuto subjetivo que tais fenômenos parecem indicar. Mograbi e Herzog (2006) realizam uma reflexão da obra freudiana a fim de compreender o desamparo à luz do fundador da psicanálise. Estes autores apresentam a idéia de que é possível pensar em um sujeito como fruto de um desamparo constituinte.

(...) já em Freud, a autoridade simbólica era apresentada em sua falta de consistência, e o percurso da interiorização da moral era visto como um caminho cheio de percalços, não havendo ao fim garantias sólidas em relação ao outro e aos excessos do supereu. (MOGRABI, HERZOG, 2006)

Birman (2012, p. 62) completa que o mal estar na civilização se condensou sobre a experiência psíquica de desamparo e, em um trabalho posterior, afirma que: "(...) devemos reconhecer que na atualidade a clínica se caracteriza por certas especificidades, em decorrência das novas modalidades de *sofrimento psíquico* existentes hoje, que são marcadamente diferentes daquelas de outrora." (BIRMAN, 2014, p. 79). Birman ainda acrescenta que na contemporaneidade vislumbramos uma impossibilidade de produção de sentido - subjetivação - da dor, a fim de ser vivida como um sofrimento. Essa que não é vivenciada como um sofrimento, pois não é simbolizada, prende o sujeito em uma impossibilidade de elaborar, configurando o que Freud designa como *trauma*. Essa dor contínua que nos impede de agir no mundo, propiciando o caos gera a angústia, algo não familiar, um indizível que nos assola no âmbito corporal. Birman então acrescenta que a angústia é um sentimento moderno, pois este é um mundo sem limites, sem fronteiras, onde tudo é possível a todo momento. É dessa possibilidade do caos - de nos depararmos com o desconhecido, com a falta de referências - que provém a angústia que assola o sujeito moderno.

Tendo como pano de fundo esta temática e vislumbrando melhor compreender a dinâmica aqui apresentada, ingressaremos agora em um estudo do desenvolvimento do conceito de prazer ao longo da obra freudiana. A fim de iluminar este campo para que, em um momento futuro, possamos nos dedicar ao exame deste conceito à luz dos fenômenos contemporâneos.

O par prazer-desprazer passou por algumas modificações de 1895 até 1920, chegando ao reinado de princípio regente do aparelho psíquico (1911) e recebendo novas conotações

deveras significativas a partir de 1920. Tendo em vista todo o panorama apresentado e as questões por ele suscitadas, acreditamos que a importância deste tema de pesquisa se dá não somente no que tange ao entendimento de um fenômeno observado no sujeito contemporâneo, mas também no sentido de iluminar o campo no qual se insere esta problemática. Assim, acompanhamos o pensamento freudiano que vai conceber o sujeito na sua relação com o outro. Ou seja, a concepção de um sujeito que só se constitui no social, no laço que estabelece com a alteridade.

Logo, com este estudo, buscamos uma maior compreensão dos fenômenos psíquicos relacionados com o desdobramento do conceito de prazer ao longo da obra freudiana, partindo do "Projeto para uma psicologia científica" (1895) e findando no "Além do princípio do prazer" (1920), por considerar que ambos os textos representam importantes marcos na teoria de Freud. No "Projeto para uma psicologia científica" (1895) podemos observar a primeira tentativa de proposição de um aparelho psíquico; e no "Além do princípio do prazer" (1920) nos deparamos com um novo dualismo, que acarreta o fim do reinado primordial do princípio do prazer.

**Capítulo 1: Dos primórdios do desprazer nas primeiras considerações do "Projeto para uma psicologia científica" (1895) à primazia do prazer apresentada em "A Interpretação dos Sonhos"(1900).**

*"O prazer não é um mal em si;  
mas certos prazeres trazem mais dor  
do que felicidade."*

Epicuro

A partir do estudo das psiconeuroses de transferência - Histeria e Neurose obsessiva - Freud cria toda uma concepção de aparelho psíquico assim como seu mecanismo de funcionamento.

Neste primeiro capítulo propomo-nos a caminhar por alguns escritos importantes da obra de Freud a fim de compreender o desenvolvimento do conceito de prazer. Partiremos assim do "Projeto para uma psicologia científica" (1895), no qual analisaremos o primeiro modelo do sistema neuronal apresentado por Freud. Em meio a sua trama de conceitos ainda floreados pela linguagem biológica nos deparamos com o que podemos designar como o *embrião* da concepção de aparelho psíquico. Neste primeiro momento a questão do prazer não é algo prioritário, ela advém em meio a uma enorme gama de conceitos a fim de explicar a passagem da quantidade de energia - recebida pelo sistema - em qualidade. Mezan anuncia que: "(...) a hipótese qualitativa, que se refere ao funcionamento do sistema de neurônios procura dar conta tanto dos processos psíquicos normais quanto dos patológicos, entre os quais Freud inclui as neuroses." (MEZAN, 2013, p. 28-29). Poderemos observar no decorrer do presente ensaio, como os conceitos freudianos ganham profundidade e importância ao longo de toda a obra, o que justifica as modificações que ocorreram na teoria psicanalítica - como um todo. É justamente isso que buscamos analisar com o presente trabalho, especificamente no que diz respeito ao conceito de prazer.

Em seguida nos dedicaremos ao estudo do primeiro modelo formal de aparelho psíquico apresentado em "A interpretação dos sonhos" (1900). Neste texto, através do mecanismo dos sonhos já observamos uma maior valorização deste que posteriormente será visto como um dos dois princípios fundamentais do aparelho psíquico.

## 1.1 - O prazer à luz do "Projeto para uma psicologia científica" (1895)

Em seu texto de 1895 intitulado "Projeto para uma psicologia científica" (1895), Freud se encarrega da tentativa de "prover uma psicologia que seja ciência natural: isto é, representar os processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partículas materiais específicas, tornando assim esses processos claros e livres de contradição." (FREUD, 1895, p. 355). Esta obra de extrema importância é considerada por alguns como parte do movimento pré-psicanalítico, devido a sua localização temporal e por ainda nos depararmos, de certa forma, com um Freud deveras atrelado a suas raízes biológicas. Enquanto por outros, como já sendo um texto psicanalítico por seu conteúdo que representa os pilares do aparelho psíquico construído e aprofundado por Freud ao longo dos anos; assim como por possuir ideias que foram retomadas muitos anos depois. Partiremos, então, do estudo de alguns conceitos fundamentais presentes nesse texto afim de melhor compreender sua evolução nos escritos freudianos.

Logo no começo do "Projeto para uma psicologia científica" (1895) deparamo-nos com a justificativa de Freud para sua redação, assim como a introdução de um de seus conceitos principais, que circundam toda a sua teoria. Freud nos afirma que a concepção quantitativa presente neste texto deriva de observações clínicas e patológicas referentes, especialmente, a "ideias excessivamente intensas - na histeria e nas obsessões, nas quais, como veremos, a característica quantitativa emerge com mais clareza do que seria o normal." (FREUD, 1895, p. 355). Ele relata também que processos em conexão com esses distúrbios, como: substituição, conversão e descarga sugeriam que a excitação neuronal seria proveniente de uma quantidade em movimento. Assim, partindo desta concepção, ele estabelece um princípio, que nesta ocasião se refere como "princípio básico da atividade neuronal em relação a Q" (FREUD, 1895, p. 356), o *princípio da inércia neuronal*. Tal lei estabelece que os neurônios - que serão explicados mais adiante - tendem a se livrar desta quantidade de excitação (Q), sendo este o princípio a partir do qual poderemos compreender o aparelho proposto no "Projeto para uma psicologia científica" (1895): suas funções, sua organização, etc.

### 1.1.1 - O aparelho neuronal de 1895

Em 1895, nos deparamos então com a proposta de um aparelho, hipotético, constituído por três modalidades diferentes de neurônios, compostos no entanto de maneira similar.

Todavia, a noção de neurônio presente no projeto não é a mesma proposta pela histologia. O neurônio para Freud é uma junção do neurônio proposto pela histologia da época com sua teoria da quantidade (Q) - essa Q seria a quantidade de energia que atravessa os neurônios, podendo ser descarregada e deslocada -, ele aponta que assim é possível chegarmos a noção de um neurônio *catexizado*. Garcia-Roza aponta que o neurônio do "Projeto para uma psicologia científica"(1895): "é concebido como o suporte material e o elemento constituinte do aparato psíquico." (GARCIA-ROZA, 2012 [1991], p. 79). Assim sendo, cada neurônio seria uma unidade que, embora separado dos demais, não possuem diferenças de natureza entre estes; são todos iguais, sua diferença se encontra em sua estrutura. Quando dizemos que estes neurônios estão separados uns dos outros significa que: embora sejam unidades anatômicas independentes umas das outras, encontram-se articulados entre si. Temos então três diferentes tipos de sistemas de neurônios que atuarão de forma diferenciada no aparelho: sistemas de neurônios  $\phi$ , sistemas de neurônios  $\psi$  e sistemas de neurônios  $\omega$ .

O sistema de neurônios  $\phi$  é constituído por neurônios permeáveis, e voltados para o mundo exterior, sendo assim encarregados de receber estímulos externos. Como estes neurônios estariam muito vulneráveis a grande quantidade de excitação exógena, não teriam tanta facilidade em apresentar resistência nas barreiras de contato. Essas barreiras de contato estariam ligadas a memória neural, assim como a noção de facilitação (*Bahnung*), como apontado por Freud, os neurônios não tem como assumir uma dupla função sobre a memória e a percepção, conforme veremos adiante. Como o mundo externo é fonte de grandes quantidades de energia, o sistema  $\phi$  não pode estar em contato direto com ele, caso o fosse, este sistema poderia sofrer danos em decorrência da invasão de Q. Logo, este contato é mediado pelos órgãos dos sentidos, ou o sistema perceptivo. Aqui Freud nos fornece sua ideia de *tela protetora*, visto que, estes órgãos dos sentidos filtrariam, por assim dizer, essa grande quantidade de energia exógena, deixando que apenas parte dela entre em contato com o sistema  $\phi$ , protegendo-o da invasão de Q; estes neurônios servem então à percepção.

Já o sistema de neurônios  $\psi$  é composto por neurônios impermeáveis e voltados para a recepção de excitações endógenas. Estes neurônios, graças a sua impermeabilidade, retém Q. Isso significa que, diferentemente dos neurônios  $\phi$ , as barreiras de contato dos neurônios  $\psi$  são alteradas definitivamente com a passagem de Q pois oferecem resistência à passagem de Q. Esta resistência das barreiras de contato se oferece mais facilmente nos neurônios  $\psi$  do que nos neurônios  $\phi$ , visto que os primeiros, estão expostos a Q endógena de intensidade inferior



as Q exógena. Essa resistência dos neurônios  $\psi$ , assim como o entendimento de que estes se modificam após a passagem de Q por suas barreiras de contato nos levam a entender a indicação de Freud sobre estes neurônios estarem vinculados à memória. Afinal, após a passagem de Q esses neurônios são influenciados no sentido da *facilitação*, que seria não a abolição da resistência em determinada via, mas sim sua redução. Assim, em um momento posterior, uma Q menor conseguiria atravessar as barreiras de contato. Seria de se pensar que o sistema  $\psi$  estivesse mais *protegido* das excitações do que os neurônios  $\phi$ , o que de fato, não ocorre. Os neurônios  $\psi$  não possuem mediação ante os estímulos, recebendo as excitações endógenas diretamente, e indiretamente - por meio do sistema  $\phi$  - as exógenas. Temos também de considerar que as excitações endógenas se apresentam de forma constante, diferente das exógenas. No entanto, como apontado por Freud (1895), embora estes neurônios estejam expostos à estimulação endógena constante, esta só se transforma em estímulo psíquico *periodicamente*.

Como já dito, o aparelho tem como função efetuar a descarga de Q, o que nos leva à consideração de Garcia-Roza (2012 [1991], p. 98) segundo a qual, essa excitação constante - a que o sistema  $\psi$  estaria exposto - seria uma mola pulsional que deve ser entendida como uma exigência de trabalho feita a este sistema<sup>9</sup>. Examinando as explicações de Freud sobre o tema torna-se inevitável pensar no acúmulo de Q. No entanto, o caráter descontínuo de seu efeito psíquico leva à concepção de que esta sofre resistência, realizada pelas barreiras de contato, que são superadas apenas com um aumento da quantidade. Essa resistência persiste até chegar ao núcleo de  $\psi$ . Ultrapassando determinada Q essas excitações atuam de forma contínua como um estímulo, e o aumento de Q é sentido como um aumento deste estímulo. Esse aumento de Q se dá pela soma das várias excitações a atingirem os neurônios  $\psi$ .

Mais adiante, Freud nos apresenta o que chama de neurônios  $\omega$ . Esses neurônios surgem para resolver o problema das qualidades. Assim, não receberiam Q, e sim um período de excitação que possibilita uma Q suficiente para o funcionamento deste sistema. Freud elucida que estes neurônios seriam excitados juntamente com a percepção, mas não com a reprodução desta percepção, e seus diferentes estados de excitação produziram então as

---

<sup>9</sup> Essa mola pulsional pode ser entendida como um prelúdio do que será o conceito de pulsão para Freud, uma demanda de trabalho do corpo à psique, constante e interna (1915). E justamente nesta demanda de trabalho que não pode ser diferenciada qualitativamente pois visa sempre a satisfação que se inscreveria a singularidade dos sujeitos na trama desejante, visto que os objetos que possibilitaram esta satisfação podem ser os mais singulares existentes.

qualidades, ou sensações conscientes propriamente ditas, estando estes neurônios ligados à consciência - não uma consciência tópica ou instância, mas enquanto função.

Podemos compreender que nesta obra, os sistemas se relacionam da seguinte maneira: o sistema  $\omega$  recebe energia do sistema  $\psi$ , sob a forma de período, ou seja, qualidades. Como o sistema  $\omega$  não está apto a receber quantidades sua fonte energética não pode provir do sistema  $\phi$ , por este estar ligado à percepção recebendo assim, apenas quantidades. Essas quantidades, no entanto, são transmitidas ao sistema  $\psi$ , e dotadas de um período, ou seja, o que importa não é a intensidade, mas a variação de intensidade desta energia em um determinado período de tempo (Mezan, 2013). Essa nova forma de *contabilização*, os períodos, é a responsável pela transformação da quantidade em qualidade, que como dito acima, será recebida pelo sistema  $\omega$ ; promovendo a percepção do desprazer e do prazer. Garcia-Roza (2012 [1991], p. 104), elucida no entanto, que na carta 39 Freud modifica este sistema, colocando o sistema  $\omega$  entre os sistemas  $\phi$  e  $\psi$  e possibilitando que estes transfiram quantidades e qualidades uns para os outros. A partir de então o sistema passa a funcionar da seguinte maneira: os neurônios  $\omega$  são excitados pelas percepções, estes as recebem do sistema  $\phi$ , agora sob a forma de qualidade. Este sistema também está ligado ao sistema  $\psi$ , pois fica responsável por excitá-lo, indicando as vias que a energia livre deve tomar.

Herzog (2003) aponta que da forma como este aparelho é apresentado, fica difícil distinguir alucinação de percepção; o que torna possível identificá-lo como um aparelho de alucinar. E novamente remetendo ao par: prazer/desprazer, este aparelho limita-se a função de descarga do aumento das excitações. O que leva a autora a identificá-lo como um “aparelho pouco eficaz” (HERZOG, 2003, p.44). Essa missão é quase impossível de ser efetuada, visto que o aparelho se encontra exposto constantemente às excitações provenientes de fontes endógenas, o que o coloca em um estado de tensão constante. Herzog ainda ressalta que: “O índice de qualidade consistindo em um sentimento de presença de algo, não implica sua presença efetiva.” (Ibid, p.44). Assim, para que a função de descarga seja exercida de maneira eficaz, o sistema  $\psi$  deve promover a ligação e reter, em certa medida, Q – para que este aparelho seja capaz de realizar sua ação específica, e assim a descarga. Feitas estas considerações podemos seguir a explicação de Garcia-Roza (2012 [1991], p.109) com relação à função do ego tal como aparece no "Projeto para uma psicologia científica"(1895). A idéia de ego apresentada aqui remete à inibição da descarga na ausência de um objeto real de percepção, uma função deveras diferente da referida ao conceito posterior de ego, apresentado

por Freud em 1923. O ego estaria ligado ao sistema  $\psi$ , e as percepções - como já vimos - ao sistema  $\phi$ . Não há como um sistema ser responsável por ambos os processos, assim é preciso que ambos estejam articulados, para que então o ego possa diferenciar percepção lembrança de percepção de objeto real. Como toda percepção excita  $\omega$  - e este sistema não retém Q - se produz uma descarga em  $\omega$ , que incidirá em  $\psi$  como testemunho a favor da qualidade e realidade do estímulo recebido. Esta qualidade, vale ressaltar, não é fruto do aparelho, mas este surge simultaneamente com a transformação de quantidade em qualidade; este seria um dos meios possíveis para seguir o princípio de inércia neuronal, pois uma das formas de se ver livre da quantidade seria transformando-a em qualidade.

A fim de evitar o desprazer que o processo alucinatório provocaria, o ego do "Projeto para uma psicologia científica" (1895) vai fixar um conjunto de neurônios a fim de barrar a passagem de Q. Assim, a imagem mnêmica do objeto gerador da satisfação original não é investido, a alucinação é evitada bem como a frustração proveniente desta.

### **1.1.2 - Desprazer - Prazer**

Neste ponto chegamos à distinção dada por Freud entre o que seria desprazer e prazer nesta obra. No "Projeto para uma psicologia científica" (1895) podemos observar que o aparelho teria como tendência psíquica evitar sensações de desprazer. Tendo em vista as considerações de Herzog (2003) podemos perceber que: embora Freud neste escrito pareça discriminar um dentro e um fora no referente a fonte das excitações, esta separação não parece se sustentar quando pensamos que ambas as excitações passam pelo sistema  $\psi$ , assim como o fundam. Logo, este sistema além de ser incapaz de discriminar o que é proveniente de fonte exógena do proveniente de fonte endógena, também permite associar as energias de ambas as fontes.

Nesse contexto, o sistema  $\omega$  também não realiza esta separação, o que nos possibilita entender toda esta dinâmica como referente à questão prazer/desprazer; sendo este o foco central da proposição de Freud já neste momento inicial de seu pensamento, colocando a distinção entre realidade e pensamento como algo secundário.

Analisemos a questão assinalando então a importância deste par: prazer/desprazer. Freud (1895) coloca que tendo em vista as considerações feitas até aqui sobre o

funcionamento deste aparelho, é plausível a tentação em equivaler essas sensações ao princípio de inércia. O que levaria a conclusão de que: um aumento de  $Q$  em  $\psi$  seria coincidente com o desprazer; assim como o prazer corresponderia ao movimento de *descarga* de  $Q$ . "O prazer e o desprazer seriam as sensações correspondentes à própria catexia  $w$  ao seu próprio nível; (...)"(FREUD, 1895, p. 373).

Podemos observar que qualquer montante de  $Q$  gera uma certa cota de desprazer, a ser apenas tolerada, e o prazer<sup>10</sup> total só poderia ser alcançado com a descarga total de  $Q$ , o que só seria possível com a morte, visto que, este aparelho deve sempre manter um nível mínimo de  $Q$  a fim de realizar a ação específica<sup>11</sup>. A fim de não resumir seu conceito a uma noção meramente quantitativa, Freud acrescenta então a noção de período. Segundo Garcia-Roza (2012 [1991], p. 110), esta noção estaria referida a uma característica temporal de  $Q$ . Como os neurônios  $\omega$  não são capazes de receber  $Q$  eles se apropriam de uma temporalização da excitação, esse seria o fundamento da consciência. Essa temporalização não seria redutível à quantidade, seria uma temporalidade periódica, interrupta. Assim sendo, as sensações de desprazer e prazer em  $\omega$  se dariam em decorrência das modificações quantitativas que os demais sistemas sofrem – e que seriam transmitidas a  $\omega$  através do *período*. Embora seja inegável a ligação das sensações de desprazer e prazer à noção quantitativa, estas não se resumem a isso, se diferenciando então, neste ponto, do princípio de inércia.

### 1.1.3 – A experiência de satisfação

Outro conceito trazido por Freud no "Projeto para uma psicologia científica" (1895) e que consideramos deveras importante para o presente estudo é a formulação da experiência de satisfação. Freud nos apresenta esta idéia a partir da imagem de um bebê faminto – ou seja, onde os neurônios  $\psi$  se encontram cheios de  $Q$ . As excitações presentes neste contexto são de origem interna, não podendo ser extintas pela fuga do estímulo; como este bebê ainda é incapaz de realizar por conta própria uma ação no mundo que ponha fim a essa excitação necessita de um outro que a realize. O bebê, no entanto, começa a chorar; choro este que

---

<sup>10</sup> Prazer que se encontra no próprio movimento de descarga.

<sup>11</sup> O nível mínimo de  $Q$  trás a tona a ideia do princípio de constância, que diferente do princípio de inércia, não visa a descarga de toda  $Q$  do aparelho; este princípio busca a manutenção de uma constância mínima de energia no aparelho, visando assim a descarga, que no entanto nunca será total.

convoca seu cuidador não apenas a responder a esta demanda, mas a significá-la. O adulto ao realizar a ação específica necessária, não lhe proporciona apenas o alimento, mas também o suporte psíquico e afetivo – acolhimento, carinho, etc – que apazigua a criança e faz surgir nela a sensação de plenitude. Freud designa esta experiência como: *experiência primária de satisfação*.

A partir desta experiência, a descarga é efetuada, gerando prazer; o objeto que possibilitou tal descarga é percebido; e cria-se uma via de *facilitação*, que consiste em uma *facilidade* na passagem pelas barreiras de contido por determinado *percurso neural*. O que gera facilitação também entre: o objeto proveniente da satisfação - este seio apaziguador - e a ação específica responsável pelo alcance de tal satisfação.

É importante notarmos que embora a ideia de desejo ainda não tenha sido formulada, Freud nos apresenta sua concepção de *estados de desejo*, que assim como os *afetos* seriam provenientes das experiências de satisfação e de dor; ambos se dariam a partir de um aumento de tensão no aparelho. Assim é possível entender a afirmação de Garcia-Roza (2012 [1991]), segundo a qual: "Afetos e desejos aparecem no *Projeto* com um sentido praticamente idêntico ao *soma de excitação*." (GARCIA-ROZA, 2012 [1991], p. 143). Podemos pensar que, aqui, os objetos vinculados a experiência de satisfação dariam origem aos estados de desejo, onde a busca pela repetição da experiência prazerosa levaria a um movimento de investimento e atração do objeto responsável pela satisfação assim como de sua imagem mnêmica; enquanto no caso das experiências de dor, o objeto ligado a esta experiência sofreria as intempéries de um movimento defensivo contra o investimento da imagem mnêmica hostil.

A partir do que foi formulado até aqui, é possível refletir sobre o caráter variável da pulsão - justamente no sentido apresentado por Freud (1915) - em que os objetos aos quais a pulsão visará não são pré determinados, mas sim constituídos desde os primórdios da vida do sujeito e a partir das satisfações experienciadas<sup>12</sup>. Freud ainda acrescenta que: ao surgir novamente o estado de urgência a lembrança da satisfação é reativada, e que a princípio, esse retorno da urgência, do desejo, produzirá uma percepção do objeto que anteriormente gerou a satisfação - sob a forma alucinatória - o que leva ao desapontamento, visto que se não há

---

<sup>12</sup> Sobre isso é válido levarmos em consideração a ideia de formação histórica do sujeito apresentada por Lacan (1953). Pois tendo em vista tudo isso, podemos pensar em um sujeito histórico, cujos objetos de satisfação são constituídos ao longo da vida, desde a ideia de facilitação destes trilhamentos responsáveis por um modo primordial de satisfação apresentada por Freud no "Projeto para uma psicologia científica"(1895).

objeto real, não pode haver a satisfação por ele proporcionada. Sobre isso, podemos nos remeter às observações de Herzog (2003) referentes à noção de investimento presente no "Projeto para uma psicologia científica" (1895); visto que posteriormente na obra freudiana o desejo – que remete a uma experiência primária de satisfação – e investimento receberão uma considerável proximidade teórica. "(...) investimento diz respeito ao fato de uma quantidade (Q) ocupar um grupo de neurônios, instaurando um lugar (psíquico) pela operação de ligação que se dá na resistência à descarga total do afluxo de excitação." (HERZOG, 2003, p. 46)

#### 1.1.4 – A experiência de dor

Por fim acreditamos que seja de grande valia o entendimento da noção de experiência de dor trazida por Freud neste artigo. Como já foi trabalhado, os sistemas  $\psi$  e  $\phi$  possuem mecanismos responsáveis por barrar uma entrada excessiva de Q no aparelho: quando estes sistemas falham e ocorre uma entrada excessiva de Q temos a experiência de dor. Freud aponta ainda que "não há dúvidas que a dor possui uma *qualidade* especial, que se faz sentir junto com o desprazer." (FREUD, 1895, p. 381). Tal afirmação é compreensível se seguirmos as observações feitas acima de que o desprazer está vinculado a um aumento de tensão no aparelho. Assim como na experiência de satisfação, na experiência de dor a imagem mnêmica do objeto gerador de dor pode ser renovada por uma nova percepção deste; por exemplo, surge um estado de desprazer e tendência à descarga, que corresponderiam à experiência de dor, mas que neste caso de reinvestimento do objeto, é chamada de *afeto*. Quando o objeto não está de fato presente, não ocorre um aumento de Q exógena, o que aumenta é a Q referente a lembrança da experiência. Na experiência de dor, neurônios específicos se encarregam de afetar também a produção de Q endógena, são os chamados: neurônios chave. Estes neurônios, diferentes dos demais, não descarregam Q, mas a fornecem por vias indiretas ao sistema  $\psi$ . É claro que esses neurônios só entram em ação perante quantidades excessivas de Q em  $\phi$ . Como resultado deste processo, a imagem mnêmica do objeto que o gerou é facilitada perante os neurônios chave.

Em 1900, virada do século, Freud publica "A interpretação dos sonhos" que sem dúvida além de ser um escrito *divisor de águas*, formula alguns dos mais básicos e fundamentais conceitos freudianos, como o inconsciente e suas formações - no caso mais específico, o sonho. A respeito disso, Mezan sublinha que: "(...) o conceito de psicologia foi

modificado: deixou de conotar as vicissitudes do investimento neuronal e passou a designar o que podemos saber do “aparelho psíquico”.” (MEZAN, 2013, p. 46). O surgimento de um aparelho psíquico propriamente dito e a proposição das instâncias psíquicas faz com que Freud se desvincule de uma vez por todas da proposta histológica, visto que seu aparelho psíquico não possui correlações anatômicas. Incidiremos nossos esforços agora em pensar o prazer à luz da primeira proposição oficial de um aparelho psíquico, apresentado no capítulo 7 de “A interpretação dos sonhos”(1900).

## **1.2 - O prazer à luz do aparelho psíquico de 1900**

Neste capítulo podemos observar a descrição de um aparelho psíquico que se forma a partir de ligações (GARCIA-ROZA, 1993 [1986]). Ligações das ditas energias livres, que advêm das fontes pulsionais, em energia ligada. Como ainda sinalizado por este autor (2012 [1991], p.84) e de acordo com o proposto por Freud neste texto, nos deparamos com um aparelho que captura, modifica e ordena as excitações provenientes de um exterior.

Neste texto é descrito, pela primeira vez, a proposição de Freud referente ao que seriam os processos psíquicos inconscientes, assim como nos traz, também de forma inédita, a ideia de instâncias psíquicas: Inconsciente, Pré-consciente e Consciência. Procedendo da concepção de que existiriam conteúdos inconscientes em nosso psiquismo que só poderiam ter acesso à consciência após sofrerem as alterações necessárias impostas pela censura Pré-consciente

Levando em conta a proposição fundamental do inconsciente presente neste texto, podemos entender a consideração de Ferenczi sobre a qual: “A psicanálise conduz-nos de forma progressiva à certeza de que “o esquecimento”, na vida mental, o desaparecimento sem vestígios, é tão impossível quanto o desaparecimento de energia ou de matéria no mundo material.” (FERENCZI, 1909, p.111) E assim como ele podemos recorrer à ideia física e inferir que também na psique tudo se transforma, tudo se recalca, mas nada se perde. A fonte inconsciente do conflito pode não conseguir advir a consciência em sua forma latente, mas continua a agir, impulsionar e atuar na vida do sujeito; embora as vezes se faça presente sob a forma manifesta de um conteúdo aparentemente inofensivo como o chiste.

### 1.2.1 – A censura

A questão da censura merece um relevo especial no que tange a temática do prazer. Tal importância se deve ao fato de ser graças a este processo apresentado em 1900 que o sujeito é capaz de isolar no inconsciente o que venha a lhe causar desprazer, e a partir do trabalho de modificação de seu conteúdo, satisfazer também o conteúdo reprimido. É a partir deste processo de retorno do material conflitual reprimido que Freud nos apresenta a ideia de que o prazer sempre seria buscado pelo aparelho psíquico, marcando sua importância enquanto princípio para mais tarde assumir a posição de *princípio de funcionamento básico* do aparelho psíquico - não apenas no sentido de único, visto que o princípio de realidade surge a partir dele; mas também enquanto modo de funcionamento primário, por assim dizer.

Sobre a censura, Freud (1915a) marca que um “ato psíquico” (1915a, p. 109) deve passar por duas fases de exame. Na primeira, inconsciente que é, ele deve passar por este exame, e se for rejeitado, é reprimido e confinado ao inconsciente. Se ingressar à segunda fase, passa a pertencer ao sistema consciente<sup>13</sup>. Isso não quer dizer, no entanto, que este conteúdo é consciente, apenas que ele é capaz de tal. E para isso deve passar pelas modificações impostas pela censura, realizadas pelo Pcs, e que podem ser de duas ordens: condensação e deslocamento.

Na condensação a libido de uma ou mais representações se agrupam em uma representação não conflitual única<sup>14</sup>. Laplanche e Pontalis (2012) ainda apontam que a condensação não é apenas uma modificação do conteúdo para enganar a censura. É em si uma característica do inconsciente. “No processo primário, são realizadas as condições – energia livre, não ligada; tendência para a identidade de percepção – que permitem e favorecem a condensação.” (LAPALNCHE & PONTALIS, 2012, p. 88).

O desejo inconsciente se encontraria então submetido a este processo, na medida em que este também sofre as alterações referentes ao processo primário; seu conteúdo é modificado, recebendo influência da teia fantasmática que o sujeito forma ao longo da vida.

---

<sup>13</sup> Neste texto de 1915a, Freud não faz distinção entre Pcs e Cs, se refere a ambas as instâncias como Cs ou Pcs(Cs) dando uma ideia de continuidade entre ambas. “Por enquanto basta ter em mente que o sistema Pcs partilha as propriedades do sistema consciente e que a censura rigorosa sempre cumpre seu papel na passagem do Ics para o Pcs.”(Freud, 1915a, p. 110)

<sup>14</sup> No caso dos sonhos a condensação pode surgir como uma figura que agrupa em si características de várias outras.



Já o deslocamento se caracteriza pelo deslocamento da libido de uma representação para outra, a fim de evitar, ou solucionar, um conflito psíquico. O deslocamento também é uma formação de compromisso, que podemos observar de forma bem clara nos sintomas obsessivos por exemplo<sup>15</sup>. Sobre isso, Laplanche e Pontalis (2012) afirmam que: “O “livre” deslocamento desta energia é uma das principais características do modo como o processo primário rege o funcionamento do sistema inconsciente.” (p.116)<sup>16</sup>. A este respeito, Ferenczi (1909) faz referência à psicologia da *Gestalt*, na questão da transferência<sup>17</sup>, inferindo que a ideia de “a parte pelo todo” (FERENCZI, 1909, p. 92) parece possuir um lugar na linguagem inconsciente, possibilitando que os afetos inconscientes sejam transferidos de uma pessoa à outra tendo como base semelhanças extremamente pequenas. Assim, acreditamos que podemos pensar no inverso no caso da condensação, onde o valor parece estar presente *no todo pelas partes*, que são agrupadas também pela via da proximidade formando, no caso dos sonhos – onde esta ideia fica bem visível – uma figura total diferente das partes apresentadas que, no entanto, as representará sem ir contra os limites impostos pela censura.

### 1.2.2 – O desejo na primeira tópica

Tendo em vista tudo que foi dito até o momento, podemos entender a observação de Freud segundo a qual os sonhos seriam, de certa forma, substitutos para a cena infantil, sendo esta modificada e transferida para o material recente; ou seja, podemos entender esta cena infantil como satisfação. Sendo assim, os sonhos buscariam a satisfação ocorrida na tenra infância, e essa busca pela satisfação seria o desejo. Afinal, a partir do outro e de sua ajuda em suprir as necessidades do infante, este começará a ser localizado simbolicamente, enquanto

---

<sup>15</sup> O deslocamento também pode ser observada nos sonhos, como uma figura dotada de uma importância, por assim dizer - que originalmente pertence a uma outra - que no entanto causaria imenso desprazer ao sujeito se emergisse como tal.

<sup>16</sup> De acordo com a afirmação de Garcia-Roza no início deste capítulo, sobre a formação do aparelho psíquico se dar à partir da ligação da energia livre. Podemos pensar que neste período da obra freudiana, temos uma visão deveras focada na noção econômica da energia, o que podemos relacionar com a idéia presente desde o “Projeto para uma psicologia científica” (1895) de que a tensão seria promotora de desprazer. Nestes termos é preciso alcançar um fim para o acúmulo de energia no aparelho; descarga esta que promoveria a sensação prazerosa. Assim, devemos ter em mente que a libido só é capaz de alcançar a satisfação quando vinculada a uma representação: “Um instinto [pulsão] não pode jamais se tornar objeto da consciência, apenas a idéia que o representa.”(FREUD, 1915a, p.114)

<sup>17</sup> Embora o próprio autor reconheça como um mecanismo de deslocamento sua inferência pode nos ajudar a pensar também no processo de condensação.

um objeto distinto do mundo a sua volta e fonte de desejo; desejo deste cuidador que ao cuidar insere o bebê na cadeia simbólica e auxilia em seu desabrochar como um sujeito também desejante.

Na condição de sujeito desejante será movido pela busca desta experiência de plenitude original. É claro que para tal devemos ter em mente que essa satisfação primordial é construída ao longo da vida; é nesse sentido que Herzog diz: “No desejo, produzido por somação busca-se algo que nunca se teve.” (HERZOG, 2001, p. 30). Essa experiência primordial é modificada, fantasiada, recriada por assim dizer, fazendo com que o *objeto de satisfação* nunca seja alcançado e o desejo se constitua como algo dinâmico ganhando o estatuto de *busca*. E a partir desta atualização e modificação que ocorre através do trabalho do sonho, este se torna, como apontado por Freud, um realizador de desejos<sup>18</sup>.

Para além do processo dos sonhos, podemos entender o desejo também como o motor do próprio psiquismo. Tendo em vista justamente este movimento de busca por sua realização; que acarreta mudanças em seus objetos, que sofrem influência constante das produções fantasmáticas do sujeito. Pelas tentativas em advir à consciência e pela constante modificação de seus objetos a fim de alcançar a satisfação. “(...) o desejo, de um lado, estabelece uma *busca incessante de sentido* e, do outro, comporta uma dimensão disruptiva que o faz se apresentar como motor da própria realidade psíquica.” (HERZOG, 2001, p. 31 [grifos nossos]). Muito além de ser a eterna busca por um objeto ou uma experiência perdidos, o desejo é a busca incansável por um objeto nunca tido, no entanto deveras fantasiado. Fruto das vivências daquele sujeito particular. Uma eterna busca que vai reger toda sua forma de atuar no mundo e nas relações objetais.

### **1.3 – Paralelos entre o "Projeto para uma psicologia científica"(1895) e a “Interpretação dos sonhos”(1900)**

Podemos traçar paralelos interessantes entre as observações trazidas em "A interpretação dos sonhos" (1900) e o "Projeto para uma psicologia científica" (1895). Apesar de próximos temporalmente, esses dois trabalhos representam momentos extremamente distintos da obra freudiana. Logo, é de certa forma impossível comparar um ao outro, e por

---

<sup>18</sup> Assim como as demais formações do inconsciente.

outro lado irresistível, visto que apesar das nítidas diferenças, semelhanças também podem ser observadas.

É válido observar que tanto o texto: "Projeto para uma psicologia científica" (1895); quanto em: "A interpretação dos sonhos" (1900), nos proporcionam os arcabouços necessários para pensar toda a trama prazer-desprazer neste período inicial da obra freudiana. Não devemos nos abster de pensar a importância da noção de qualidade no que tange à busca pelo prazer; embora o prazer esteja deveras atrelado a ideia de descarga e de quantidade, esta descarga não pode ser realizada com qualquer objeto a qualquer momento. Percebemos que assim como a variabilidade do objeto pulsional enunciada em 1915, a fonte de prazer não depende apenas de um dispêndio de energia excessiva no aparelho, mas da forma pela qual esta energia deve ser liberada. E, tendo em vista que este dispêndio de energia se dá no alcance da satisfação<sup>19</sup>, o alcance do prazer depende de uma série de variáveis qualitativas. Assim como se encontra atrelada diretamente ao desejo no sentido de que, como já foi mencionado, este é o motor do psiquismo, construindo a partir das experiências únicas e particulares do sujeito as formas pelas quais, ou os objetos através dos quais, ele poderá alcançar a satisfação e assim liberar a energia excessiva no aparelho propiciando uma sensação prazerosa.

O psiquismo surge a partir da regulação e da complexificação das quantidades brutas de excitação que adentram o aparelho psíquico a partir do mundo exterior e da vida intercelular do organismo. O sujeito se constitui através das marcas deixadas pelas trilhas da excitação. (FORTES, 2012, p.67)

Agora, devemos avançar alguns anos na obra de Freud a fim de contemplar a importância atribuída em um breve, porém muito significativo texto de 1911, à questão do prazer; onde o prazer, de processo psíquico ganha o estatuto de princípio; um dos dois princípios básicos do funcionamento psíquico.

---

<sup>19</sup> Assim como o proposto em "A interpretação dos sonhos" (1900) esta satisfação não pode possuir um caráter egodistônico; ou seja, não pode ser fonte de conflito para a consciência.

## Capítulo 2: Princípio do Prazer X Princípio de realidade - A base do funcionamento do aparelho psíquico Freudiano.

“(...) *I've been here before*  
*Every feeling, every word*  
*I've imagined it all (...)*”  
 Adele

Após vislumbrar o desenvolvimento do conceito de prazer na obra freudiana, percebemos que no "Projeto para uma psicologia científica" (1895) o foco era a questão de liberação de energia, visando a evitação do desprazer, função maior do aparelho neuronal; em "A interpretação dos sonhos" (1900) observa-se uma leve mudança no enfoque. A partir deste trabalho a questão do prazer ganha cada vez mais destaque, até que em 1911 é trazida como um dos princípios que regem a vida psíquica. Propomo-nos agora apontar o desenvolvimento deste princípio, assim como o princípio de realidade - outro responsável pela regência da vida psíquica.

### 2.1 - Do Prazer a Realidade

Como indica Garcia-Roza (1993 [1986], p.47), a questão do prazer está presente desde o início na experiência primária de satisfação. Esta seria o protótipo do prazer, ainda não enquanto princípio organizador do psiquismo, mas enquanto processo. Segundo este autor, no início o que há é o prazer de órgão, pois antes de qualquer organização as pulsões parciais se satisfazem autoeroticamente; sem obedecer a qualquer organização que possa ser denominada de princípio. Logo, o prazer originará o princípio do prazer e não ao contrário. Portanto, este prazer inicial, referente a processo e não a organização, como será posteriormente, já pode ser observado na primeira distinção entre: o *Eu do infante* em formação, e o mundo a sua volta, que constitui o primeiro passo que o *ser bebê* deve dar rumo a seu surgimento enquanto sujeito. Quer dizer, diferenciar-se do mundo externo e dos outros que o compõe.

Essa separação entre esse ser - que advirá posteriormente como sujeito - e o mundo externo, não está dada desde o início. No começo de seu desenvolvimento, o bebê é considerado por Freud (1905) como sendo polimorficamente perverso, ou seja, apresentando

uma série de pulsões parciais, distribuídas por toda a extensão de seu corpo, ainda não unificado, e que se organizam ao longo da vida. Essa idéia nos possibilita pensar nesse bebê como um ser fragmentado, um Eu prazer, que se comunica com o mundo a partir de suas *partes* que ao receberem um estímulo respondem gerando prazer ou desprazer. Assim, quando um estímulo de prazer é emitido em alguma das zonas erógenas, dizemos que o bebê é aquela zona. Por exemplo: quando a boca lhe dá prazer, o bebê é aquela boca, e assim por diante, sendo qualquer parte do corpo uma zona erógena, e constituindo-se de forma independente umas das outras. Neste momento se trata de um corpo fragmentado, adquirindo um prazer parcial, um prazer de órgão, como chamado por Freud (1905); e não de corpo unificado tomado como foco de investimento libidinal. Nessa fase o bebê é considerado uma massa amorfa, sem limites corporais; tal constituição faz com que este pequeno ser atribua à realidade interna tudo que lhe gera prazer, e à exterioridade tudo que lhe causa desprazer, pensa-se neste infante como constituído por um Eu prazer; tratando-se, no entanto, de um prazer autoerótico. Sobre isso, Green (2008 [2002]) ressalta a importância da sexualidade e afirma que para nos mantermos no campo da psicanálise, não devemos perder de vista que a sexualidade tem de ser levada em conta como *fonte* do prazer, pois por meio das zonas eróticas ela concede a satisfação almejada pelo sujeito. “A sexualidade é em suma, o “prazer dos prazeres”, como a proibição ao incesto é “a regra das regras””.<sup>20</sup>

Garcia-Roza (1993[1986]) nos indica também, que a passagem do prazer, compreendido enquanto processo, para o princípio do prazer - compreendido enquanto princípio organizador do aparelho psíquico - ocorre por meio dos processos de ligação. Isso quer dizer: a partir da contenção do livre escoamento das excitações, transformando assim o estado de total dispersão destas excitações em um estado de integração, promovendo a transformação da energia livre em energia ligada. E, devemos ter em mente, que esse processo de unificação, de ligação, se dá a partir da relação com o outro. Sobre isso, Herzog afirma: “(...) o que confere ao corpo um estatuto original: não mais “*res extensa*”, mas um corpo marcado pela presença/ausência do outro como condição de subjetivação” (HERZOG, 2003, p.48). São também essas primeiras ligações, presentes antes mesmo da vigência do princípio do prazer, que irão dar origem a um delineamento primário de organização do Isso. Nesse *Isso primitivo* encontramos não as pulsões, mas seus representantes, que são justamente estas ligações de excitações.

---

<sup>20</sup> GREEN, 2008 [2002] p. 85

Originalmente, o Id seria esse lugar psíquico ou essa multiplicidade de lugares psíquicos, onde a ligação introduziria uma primeira forma de organização. Mas se o Id já é uma instância psíquica, as pulsões são pré-psíquicas ou quase-psíquicas. O que encontramos nesse Id arcaico não são as pulsões, mas seus representantes, sendo que cada representante é uma síntese ou uma ligação de excitações (GARCIA-ROZA, 1993 [1986], p. 48-49)

Em 1911 Freud publica seu texto intitulado "Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico" onde, partindo como de costume, de considerações sobre o estudo das neuroses - que, segundo ele, possuem como característica a perda ou desconsideração da realidade, em seu todo ou apenas um fragmento por considerá-la geradora de desprazer - Freud se propõe a estudar "a relação do ser humano com a realidade." (FREUD, 1911, p. 110). O estudo dos processos psíquicos inconscientes nos permite obter a compreensão de como o princípio do prazer rege o aparelho psíquico, e como entra em vigor seu princípio contrário, o princípio de realidade.

Podemos associar o estado de sono com a forma de funcionamento da vida psíquica, antes da apreensão da realidade, pois nesta condição a realidade é intencionalmente negada. Então, se o sono é perturbado, por um desejo, este é posto de modo alucinatório por meio dos sonhos<sup>21</sup>. O prazer alcançado inicialmente de forma alucinatória - visto que inicialmente há uma predominância do princípio do prazer - se torna insuficiente quando a frustração da satisfação esperada introduz o sujeito no âmbito da realidade, e na regência do princípio de realidade, sob influência do qual:

(...) o aparelho psíquico teve de se decidir a formar uma ideia das reais circunstâncias do mundo exterior e se empenhar em sua real transformação. Com isso foi introduzido um novo princípio de atividade psíquica; já não se imaginava o que era agradável, mas sim o que era real, ainda que fosse desagradável. (FREUD, 1911, p. 111-112)

Nesta insuficiência fantástica que a satisfação alucinatória alcança<sup>22</sup>, podemos entender a consideração de Ferenczi, sobre a qual: "A realidade é um duro combate pela existência (...)" (FERENCZI, 1913, p.61); na medida em que a passagem do princípio do prazer para o princípio de realidade é necessária para a própria sobrevivência do indivíduo.

---

<sup>21</sup> Neste texto (1911), Freud traz também a oposição entre pulsões do Eu e pulsões sexuais. Como apontado por Garcia-Roza (1993 [1986]) a pulsão sexual é algo que resulta das pulsões parciais. Além disso, a distinção entre pulsões sexuais e pulsões do Eu - ou de autoconservação - não pode ser feita no início do desenvolvimento, ela só é possível após um investimento objetal, já que no início da vida as pulsões sexuais se apóiam nas pulsões de autoconservação.

<sup>22</sup> A satisfação alucinatória não é suficiente para dar fim à tensão que a pulsão enquanto força motriz provoca no sujeito.

Agora – constituído minimamente como objeto diferenciado do mundo e ingressando no princípio de realidade - o sujeito se empenha em buscar no mundo real, partindo da modificação deste, a satisfação que o processo alucinatório não foi capaz de suprir, mesmo que para alcançá-la na realidade tenha que sofrer um desprazer momentâneo. Freud aponta que as pulsões sexuais por se referirem à satisfação autoerótica não passam pela frustração sofrida pela pulsão do Eu com a mesma facilidade, permanecendo assim vinculada a atividade da fantasia, e, por mais tempo, sob a influência do princípio do prazer; só ingressando assim no registro do princípio de realidade quando o investimento, de autoerótico, começa a buscar um objeto externo. "A continuidade do autoerotismo é que torna possível se ater por tanto tempo à satisfação mais fácil com o objeto sexual, momentânea e fantástica, em lugar da satisfação real, que demanda esforço e adiamento." (FREUD, 1911 p. 115-116). Freud atribui também a esse investimento no âmbito da fantasia o "princípio econômico da poupança de gastos." (FREUD, 1911, p. 114), que diria respeito ao apego à fontes de prazer disponíveis e na dificuldade em abandoná-las.

Assim, mesmo após a introdução do princípio de realidade, esta atividade do pensamento mantém como seu único senhor o princípio do prazer. Podemos relacionar à esta justificativa a explicação elucidada no texto do "Projeto para uma psicologia científica" (1895) onde uma via que gera satisfação é facilitada em relação as demais.

É a partir desta condição autoerótica primária que a libido dará início ao processo de constituição dos objetos de investimento exteriores, e o mundo de objetos de investimento começará a ser criado.

Após a unificação das pulsões parciais e constituição de um Eu propriamente dito, o sujeito pode ingressar no estado de narcisismo primário, um estágio intermediário entre o autoerotismo e o amor objetal. Laplanche e Pontalis (2012) apontam que este período parece contemporâneo ao aparecimento de um Eu, uma primeira unificação do sujeito. No entanto completam que ao longo da obra de Freud, sobretudo com a elaboração da segunda tópica, esse termo adquire o mesmo valor de autoerotismo, pois o narcisismo passa a ser anterior mesmo a própria constituição do Eu. Já Garcia-Roza (2008 [1995]) considera que o que Freud refere como a nova ação psíquica necessária, que deve ser acrescentada ao autoerotismo a fim de dar forma ao narcisismo primário é a constituição de um Eu. E assim, seguindo o texto freudiano, nos deparamos com a consideração de que a constituição deste Eu se dá a partir do

retorno do narcisismo dos pais sobre a criança; retorno este que juntamente com a imagem de um corpo unificado que a criança adquire, dará origem ao Eu ideal, correspondendo este sim ao narcisismo primário. Laplanche e Pontalis (2012) afirmam, no entanto, que nada parece se opor a designação do narcisismo enquanto uma fase primária do desenvolvimento, caracterizada por um aparecimento simultâneo de um primeiro esboço de Eu e pelo investimento deste pela libido. O narcisismo primário seria então esse privilégio concedido ao Eu enquanto objeto de investimento da libido disponível, que inicialmente é direcionada à este, concedendo-lhe o status de reservatório da libido. O estágio do narcisismo, como descrito por Freud (1914) introduziria uma nova noção dualista da libido, onde ao invés da diferenciação entre o sexual e o não sexual, nos deparamos com o dualismo: libido narcísica (que seria a libido investida no Eu) e libido objetal (que seria a libido investida em objetos externos ao Eu). A distinção aqui é realizada no âmbito da sexualidade, o que está em jogo não é se a energia investida é ou não sexual, e sim onde esta energia sexual é investida, no próprio Eu ou no mundo externo. Vale ressaltar que, assim como Freud aponta em seu texto de 1915 "Os instintos e seus destinos", a libido não se diferencia qualitativamente, visto que, seu objeto é não previsível e sempre variável e sua meta é sempre a satisfação. Logo a distinção entre libido do Eu e libido do objeto se dá apenas no que diz respeito ao objeto de investimento, assim, se uma aumenta a outra conseqüentemente diminui. É justamente nessa possibilidade de investir libidinalmente objetos externos - transformação da libido narcísica em libido objetal - que consiste a fase de investimento objetal que sucede o narcisismo. No entanto, mesmo já tendo ingressado neste estágio, o Eu permanece como reservatório da libido, que retorna a este ao cessar o investimento em algum objeto externo, este segundo momento, de investimento da libido no Eu em uma fase posterior do desenvolvimento, é denominado narcisismo secundário; e é um processo natural e que se repete constantemente ao longo da vida do sujeito. Vale ressaltar que esses processos não devem ser entendidos como etapas, uma cedendo lugar a seguinte; o Eu nunca leva a um abandono dos investimentos objetais assim como estes não levam a um abandono do Eu enquanto objeto de investimento. A libido sempre está investindo ambos os lados, o Eu e o mundo dos objetos externos, o que varia é o quanto desta libido está investida em cada um dos lados desta balança. Assim, a passagem do autoerotismo para o narcisismo e em seguida ao amor objetal, e a frustração das pulsões do Eu são processos que embora não ocorram simultaneamente e de uma vez por todas, ocorrem em decorrência um do outro e justificando-se mutuamente. O *vir a ser sujeito* passa do autoerotismo e da satisfação alucinatória imediata ao desejo por um



objeto exterior, amor objetal. A satisfação é então, muitas vezes adiada, em concordância com a realidade e não apenas fantasiada.

Com a introdução do princípio da realidade, dissociou-se um tipo de atividade de pensamento que permaneceu livre do teste da realidade e submetida somente ao princípio do prazer. É a atividade da fantasia, que tem início na brincadeira das crianças e que depois, prosseguindo como *devaneio*, deixa de lado a sustentação em objetos reais. (FREUD, 1911, p. 114-115)

É válido trazer à tona uma observação de Garcia-Roza (1993 [1986]), que considera que na regência do princípio do prazer, a criança busca única e exclusivamente a satisfação, além de desconhecer a realidade compartilhada. Não podendo assim sobreviver nesta por buscar satisfação pela via alucinatória. Porém, se ao buscar a satisfação pela via alucinatória, o seio materno é oferecido ao bebê, este não irá se deparar com a frustração que o introduz no princípio de realidade, e, na realidade compartilhada. Seria como se a alucinação se tornasse realidade, e ao alucinar o objeto fosse invocado de forma mágica; se essa situação permanecer ocorrendo, a criança não conseguirá distinguir entre o seio materno e o seu próprio corpo - seu Eu prazer.

Essa passagem do princípio do prazer ao princípio de realidade exige do aparelho psíquico uma série de adaptações. Um grande reflexo desse processo é a consciência do mundo externo por meio dos órgãos do sentido, não apreendendo este somente por meio de sensações de prazer-desprazer. Processos como atenção e memória vão então de encontro com essa consciência a fim de auxiliar: 1) no processo de avaliação constante do mundo na tentativa de suprir necessidades inadiáveis com grande eficiência quando estas surgissem; 2) armazenamento da atividade da consciência, respectivamente. Através dos traços de memória surgia também o juízo imparcial, responsável por conferir veracidade ou não à realidade, ao invés da exclusão, repressão de fontes geradoras de desprazer. A ação surge a fim de modificar a realidade e poder ativamente encontrar a satisfação nesta, no lugar das descargas motoras que sob o governo do princípio do prazer aliviavam o aparelho do aumento de tensão. A partir do imaginar, forma-se o processo de pensamento, que foi dotado de características que possibilitavam ao aparelho psíquico suportar a tensão dos estímulos até surgir a possibilidade de descarga. “(...) pensar é um destino da pulsão em seu encontro com o outro.” (HERZOG, 2003, p.48). Freud levanta a suposição de que o pensar fosse, a princípio, inconsciente; e que este teria advindo à consciência na medida em que ao se ligar com a linguagem verbal, adquirindo qualidades que o tornaram perceptíveis a consciência. “O pensamento consciente por meio de signos verbais é, portanto, a mais alta realização do

aparelho psíquico, a única que permite a adaptação à realidade, retardando a descarga motora reflexa e a libertação do desprazer.” (FERENCZI, 1913, p. 55)

## 2.2 – Processo primário e processo secundário

Tendo em vista tudo que foi considerado cabe neste tópico rever a concepção do aparelho psíquico como um aparelho de ligação. Para tanto, levemos em consideração as proposições trazidas em “Introdução ao narcisismo” (1914) e a célebre ideia de que *uma unidade como o Eu não está dada desde o princípio*. A partir daí, podemos pensar que este aparelho, conforme assinalado por Ferenczi<sup>23</sup> - e o sujeito que dele advém - se forma a partir não apenas da ligação das diversas zonas eróticas, mas de uma ligação com o outro; tratando-se neste sentido, de um aparelho que visa a ligação.

Ferenczi (1909) propõe que a separação entre dentro e fora se dá a partir de processos de introjeção e projeção, o que nos conduz a pensar que nos primórdios do desenvolvimento o desprazer atua como uma tensão desagregadora em um protótipo de sujeito que está sempre buscando a agregação. Nesta dinâmica o sujeito projeta no mundo o que lhe causa desprazer, e introjeta o outro em uma tentativa de se ligar a este.

Tendo em vista a ideia freudiana de um eu prazer inicial, podemos dizer, agora, que tudo que fosse sentido como desprazeroso seria *projetado* no mundo. Em seu texto sobre a “Transferência e Introjeção” (1909) Ferenczi parte da transferência<sup>24</sup> enquanto processo psíquico normal de deslocamento. “(...) a transferência apresenta-se como um mecanismo psíquico característico da neurose em geral, que se manifesta em todas as circunstâncias da vida e abrange a maior parte das manifestações mórbidas.” (FERENCZI, 1909, p.88). Esse mecanismo de deslocamento, próprio do aparelho psíquico, segundo Laplanche e Pontalis (2012) está a serviço do processo primário. Tanto o processo primário quanto o processo secundário se constituem como as formas que as ligações se dão no âmbito do aparelho psíquico.

---

<sup>23</sup> Transferência e Introjeção, 1909.

<sup>24</sup> Para Ferenczi a transferência seria um mecanismo especial de introjeção, se dando em decorrência desta.

O processo primário seria a primeira forma de ligação promovida pela psique, onde a libido fluiria entre as representações, sofrendo os efeitos da condensação e do deslocamento. Este processo estaria então vinculado ao princípio do prazer, onde as representações ligadas à experiência de satisfação seriam investidas de forma plena, sem barreiras; essa ligação, no entanto, não seria tão estável quanto no processo secundário.

O processo secundário se daria a partir desta ligação mais estável da energia com a representação; representação esta que não necessariamente seria a geradora de uma satisfação passada, mas de uma satisfação atual, possível na realidade, estando o processo secundário ligado então a idéia de princípio de realidade. Podemos pensar o processo secundário como o gerador da multiplicidade de objetos possíveis para a satisfação. É a partir deste processo, onde uma ligação possível na realidade deve ser realizada, que se constituem as formações inconscientes, que visam a repetição do desejo recalçado. Laplanche e Pontalis (2012) ainda relacionam o processo secundário a uma função reguladora possível a partir da constituição do Eu. Este processo teria por objetivo limitar o processo primário. E aqui nos deparamos novamente com a importância desta *unidade comparável ao Eu* para o funcionamento psíquico como um todo, que a partir da separação entre interno e externo, possibilita que o sujeito adie a satisfação imediata na fantasia a fim de alcançá-la no mundo dos objetos reais. “Freud descobrirá que, (...) o indivíduo não é jamais ele mesmo, que a distância interior que o habita é produto da sua inserção num quadro social, e que a Autoridade determina o Desejo de uma forma muito mais complexa do que suspeitava (...).” (MEZAN, 2013, p. 99)

Tendo em vista estas considerações, somos levados a pensar nos processos primário e secundário à partir de três perspectivas diferentes: 1) Seguindo a topologia psíquica, o processo primário estaria referido ao inconsciente e o secundário a consciência; 2) Se abordarmos a problemática a partir do ponto de vista econômico veremos que o processo primário se encontra vinculado ao princípio do prazer enquanto o processo secundário ao princípio de realidade; 3) Ou ainda se entendermos o princípio de realidade como um desenvolvimento posterior do princípio do prazer, podemos pensar no processo secundário também como um desenvolvimento<sup>25</sup>, uma adaptação ou um aprimoramento do processo primário para que a pulsão possa alcançar sua meta.

---

<sup>25</sup> Laplanche e Pontalis (2012) afirmam que podemos pensar neste desenvolvimento desde o "Projeto para uma psicologia científica"(1895), tendo esses dois processos o caráter de etapas na diferenciação do aparelho a até mesmo na evolução do organismo.

Tendo compreendido os mecanismos e diferenças referentes aos processos primário e secundário, partiremos agora para o estudo da teoria da angústia freudiana e do papel das formações de compromisso para o alcance da satisfação através das diversas formações inconscientes.

### **2.3 - O desprazer na angústia e as formações de compromisso**

Percorrendo estas ideias, nos deparamos, com a questão do conflito psíquico, uma concepção central em toda a obra Freudiana. Primeiramente, o sintoma é visto pela psicanálise como uma formação inconsciente dotada de sentido. E por mais que possa ser fonte de desalinhos cotidianos para o sujeito, ou indiferente para este como no caso da *belle indifférence* histórica, o sintoma também é, de alguma forma, fonte de prazer. Afinal, como já dizia Freud: "O sintoma é a vida sexual do neurótico", ou seja, através do sintoma o neurótico obtém o prazer e a satisfação proibidos - vale ressaltar que não apenas através do sintoma, as formações do inconsciente como um todo possuem essa função: possibilitar a realização de um desejo reprimido. Nesse panorama temos um desejo conflitivo para o sujeito, e que lhe gera desprazer. Esse desejo no entanto deve ser satisfeito para que a pulsão possa alcançar sua meta que é a satisfação e através da diminuição de tensão o indivíduo possa livrar-se da sensação de desprazer. Assim, idéias, pensamentos, desejos que entram em conflito com os ideais do sujeito devem ser recalçados, pois este conflito em si é fonte de tensão, desprazer.

#### **2.3.1 – A angústia**

Tendo em vista a primeira teoria da angústia defendida por Freud até 1926 – com a publicação de “Inibição sintoma e angústia -, podemos compreender melhor esta questão. Freud nos informa que a angústia - assim como os demais afetos - é incorporada à psique como resquícios de experiências traumáticas vivenciadas no passado; vindo à tona novamente sobre a forma de símbolos mnêmicos ao nos depararmos com situações similares a ocorrida.

Deste modo, a angústia é proveniente de uma vivência posterior a um processo de recalçamento. Quando determinados pensamentos e desejos, por exemplo, conflituosos com os ideais pertencentes ao sujeito emergem, entra em ação o processo de defesa conhecido como recalçamento, ou recalque, que tem por função retirar este conteúdo do alcance da consciência e impedir seu retorno. “(...) a angústia não é gerada novamente na repressão, e

sim reproduzida como um estado afetivo, segundo uma imagem mnêmica já existente.”(FREUD, 1926, p. 23).

Por intermédio deste processo, o afeto é cindido de sua representação. Esse afeto livre no entanto também gera desprazer; existem três fins possíveis para esta energia: ser inteiramente suprimida; ligada a outra representação; ou permanecer livre. Os dois primeiros destinos geram as formações do inconsciente, que permitem, a liberação da energia, e o alcance do prazer buscado na representação reprimida, sem acessar esta, seguindo as possibilidades não conflituosas com o ideal e possíveis na realidade - seja pela via do sintoma, da piada ou qualquer outra delas. Já quando a libido permanece livre continua enquanto energia geradora de desprazer no aparelho, promovendo a angústia. Aqui nos deparamos com uma angústia proveniente de um processo de recalçamento e, inevitavelmente libido livre, geradora de desprazer.

Freud relata em seu texto "Inibição sintoma e angústia" (1926) que esta primeira teoria da angústia lhe parecia plausível, visto que, sendo a excitação sexual expressão do desejo libidinal, era possível supor a transformação da libido em angústia quando esta energia era desviada de sua meta fundamental, a satisfação. Em 1926 essa teoria é reformulada, trazendo a angústia não como fruto de um recalçamento, mas como geradora deste.

Até onde podemos enxergar hoje, a maioria das fobias remonta a essa angústia do Eu é sempre o elemento primário e instigador da repressão. A angústia não provém jamais da libido reprimida. Se eu tivesse me contentado em dizer que aparece um montante de angústia em vez da esperada manifestação da libido, após a repressão, não teria nada a retirar atualmente. (FREUD, 1926, p. 44)

Freud acrescenta porém que ainda é possível que a partir da repressão libidinal surja angústia. E traz então o conceito de angústia sinal, onde o Eu, a sede da angústia, ao identificar um perigo de castração emite um sinal que inibe o processo de investimento do Isso através da instância prazer desprazer. Freud aqui explicita o exemplo das fobias (1926), onde após esse processo, o temor da castração - que é entendido por ele em um sentido que vai muito além do Édipo, em um sentido de perda, de limitação, separação - adquire um outro objeto e uma forma de expressão deformada. Com isso evita-se que o Eu entre em contato com o conflito gerado pela ambivalência de seu desejo; e fazendo com que o sinal de angústia seja disparado apenas ao entrar em contato com o objeto substitutivo eleito a proteger o Eu de sua própria natureza recalcada. Freud ainda completa afirmando que assim como nas fobias, nas neuroses obsessivas a angustia também se configura como o motor da formação do sintoma: por exemplo, em pacientes obsessivos, na angústia do Eu ante a hostilidade do Super Eu que é vista como um perigo a ser evitado.

A angústia é a reação à situação de perigo; dela é poupado o Eu ao fazer algo para evitar a situação ou subtrair-se a ela. (...) os sintomas são criados para evitar a *situação de perigo* que é sinalizada pelo desenvolvimento da angústia. (Freud, 1926, p. 68)

A angústia é considerada: "um estado desprazeroso especial, com reações de descarga em trilhas específicas" (Freud, 1926, p. 73) gerado por um aumento de excitação, promovendo assim desprazer. No entanto, esse desprazer é de certa forma aliviado pelas descargas mencionadas acima. Assim, nesta segunda teoria da angústia deparamo-nos com uma angústia que atua de certa forma na proteção do Eu diante de uma situação de perigo eminente.

### 2.3.2 – Formações de compromisso

Tendo em vista as considerações sobre o conteúdo recalcado, vamos abordar neste tópico as formações do inconsciente. O compromisso estabelecido entre Ics e Cs leva a que o conteúdo recalcado incida e aja sobre a vida do sujeito, alcançando sua satisfação. Nas palavras de Dolto (2012 [1984]): “(...) *o neurótico recalca as pulsões não-castradas dos diferentes estágios, sem poder nem agi-las nem fantasiá-la, até esmagar com elas o próprio desejo. É o que faz tanto seu sofrimento como sua dignidade*<sup>26</sup>.” (DOLTO, 2012 [1984], p.167)

Para tal elucidaremos a dinâmica do adoecimento psíquico, partindo do abandono da *teoria freudiana da sedução* e ingressando em seguida em sua *teoria da fantasia*. Segundo o proposto pela tese freudiana da sedução, os adoecimentos psíquicos se dariam em decorrência de um trauma sexual real experienciado precocemente; esse trauma promoveria uma divisão da consciência. A criança passaria então por uma situação real de sedução, um abuso sexual, na primeira infância, decorrente de algum dos genitores ou de algum adulto próximo. Essa experiência, no entanto, não seria vista pela criança como algo da ordem do sexual, pois a criança não seria ainda um ser sexualizado. Somente na puberdade, alguma experiência vivida – agora sim vista de forma sexualizada - faria com que este sujeito ressignificasse a experiência infantil, atribuindo a este evento ocorrido na infância uma dimensão erótica que o sujeito não possuía. O indivíduo então, tomado pela vergonha e pela culpa sofre uma

---

<sup>26</sup> Aqui podemos entender essa dignidade justamente como algo que exime o sujeito da culpa que emanaria da satisfação do desejo recalcado em sua forma original conflitual.

clivagem, uma divisão psíquica. Nesta divisão entrará em cena então uma defesa, que manterá longe da consciência o ocorrido, que retornará a esta, no entanto, por meio dos sintomas.

Freud ainda acrescenta que a *escolha da neurose* dependeria de como esta experiência foi vivida: se a cena de sedução promover uma fixação passiva no momento do trauma, levaria à histeria; se depois de ter vivido a sedução o sujeito fizesse uma reversão da condição passiva, de seduzido, para a ativa, de sedutor, a neurose obsessiva seria desencadeada<sup>27</sup>.

Mesmo neste momento da obra freudiana já podemos observar o valor positivo conferido aos sintomas. Diferente da visão psiquiátrica da época, o sintoma adquire para Freud um caráter positivo, no sentido de ser uma produção do sujeito em sofrimento, que fala sobre este sofrimento; ou seja, o sintoma para Freud era dotado de sentido.

Com a passagem desta teoria para a teoria da fantasia, o trauma passa a ser visto como proveniente de uma realidade psíquica e não de uma realidade material por assim dizer. Assim, a realidade psíquica é marcada pelo desejo e pela fantasia, sendo a sedução agora vista como fruto de um desejo e uma formação do âmbito da fantasia. Laplanche e Pontalis (2012) apresentam a concepção de desejo vinculada à primeira experiência de satisfação, quando uma satisfação é alcançada, a imagem mnêmica se mantém vinculada ao traço mnêmico da excitação que gerou a necessidade. Assim que esta necessidade reaparece - como a imagem mnêmica está ligada ao traço referente a esta necessidade - haverá a tentativa de se investir novamente a imagem que gerou a satisfação, e até mesmo de reviver a experiência que a gerou, esta tentativa de reviver uma satisfação alcançada recebe então o nome de *desejo*; e o alcance desta satisfação é a *realização do desejo*.

Freud formula então que o desejo é algo sempre do âmbito do inconsciente, e assim como os sonhos, os sintomas, as piadas, os atos falhos, enfim as formações do inconsciente seriam uma forma de realização de um desejo reprimido. Ou seja, por meio da vinculação deste desejo com um objeto que possa satisfazê-lo na realidade, sendo assim regido pelo princípio de realidade, a via para esta satisfação pode ser modificada, atrasada, ou, mesmo

---

<sup>27</sup> Também é interessante notar que, embora ao longo da obra Freud não se mostre a favor de uma pré disposição de gênero a determinada neurose, a histeria é desde esse período associada à passividade, que estaria associada a feminilidade; enquanto a neurose obsessiva associada a uma idéia de atividade que estaria ligada a masculinidade. Vale ressaltar no entanto, que feminilidade e masculinidade estariam relacionadas à posição assumida pelo sujeito e não necessariamente a seu gênero.

parecendo contraditório, ser também fonte de sofrimento para o sujeito, mas este encontrará sua satisfação.

Essas formas de um desejo advir à consciência só são possíveis pela formação de compromisso, que se daria justamente em decorrência da oposição de duas forças - o desejo e o recalque - agindo sobre o mesmo conteúdo. Essa formação de compromisso possibilitaria assim o chamado: *retorno do recalçado*, que seria: o retorno de um material que foi afastado da consciência, recalçado, a partir de sua deformação. Ou seja, este material, para vir à tona à vida consciente do sujeito, na realidade compartilha, deve conciliar essas duas forças: o conteúdo que foi reprimido e tenta ingressar na consciência, e o motivo pelo qual este conteúdo foi reprimido. Sobre isso, Mezan (2013) aponta que: "O sonho realiza apenas o desejo inconsciente, porque jamais chegará a se expressar na vida real; o sintoma, imerso na realidade da vida, deve representar também o pensamento repressor." (MEZAN, 2013, p. 91).

Sobre as relações da formação de compromisso, Ferenczi (1909) ressalta o *complô*, ou melhor dizendo a fidelidade do neurótico para com sua formação sintomática. Ele explica que tal fidelidade se dá pelo âmbito da satisfação que o sintoma possibilita ao neurótico, uma satisfação na realidade, livre de culpa e que por vezes ainda lhe garante vantagens outras. Sobre isso Fortes (2012) aponta que: "Ao desprazer dos sintomas neuróticos subjaz, assim, uma intensa satisfação, pois estes consistem em um prazer que não pode ser sentido como tal, já que o recalque transforma uma possibilidade de prazer em uma fonte de desprazer." (FORTES, 2012, p.90). Retornando para Ferenczi (1909), deparamo-nos ainda com a ideia de transferência como uma formação inconsciente, uma formação defensiva obedecendo ao processo secundário e seguindo as regras do deslocamento.

Agora, ingressaremos na parte final de nosso percurso, onde, nos dedicaremos ao estudo da consideração de algo que estaria *para além* do princípio do prazer. Partindo do estudo de um movimento compulsivo da repetição, Freud propõe uma nova organização pulsional, o que acarreta posteriormente a formulação de um novo modelo de aparelho psíquico - que no entanto não elimina o proposto até aqui. Esta proposta conceitual foi rejeitada por muitos, porém, sua importância foi assinalada por Freud não apenas no tocante à dinâmica psíquica mas à própria dinâmica social.



## Capítulo 3 - A morte bate a porta: introdução de um novo dualismo pulsional

*"You are always new,  
the last of your kisses was ever  
the sweetest."*

*John Keats*

Partiremos agora para o estudo de um dos conceitos mais controversos da teoria freudiana: a pulsão de morte. Diferente das demais, essa tese foi rejeitada por muitos seguidores de Freud, o que acarretou a formação de todo um pensamento, posterior a ela, que a ignorava. No entanto, não consideramos ser algo tão simples de ser descartado ou deixado de lado. Não apenas por ser um dos conceitos chave, e que gerou uma grande mudança da concepção do funcionamento do aparelho psíquico; mas por colocar novamente em pauta questões referentes ao "Projeto para uma psicologia científica" (1895), abandonado décadas antes.

Agora, novamente, o aparelho psíquico passa a não ser regido apenas rumo a descarga através de estímulos prazerosos; ao invés disso a repetição de situações desprazerosas é trazida à tona. Assim, acompanhando o próprio desenvolvimento da teoria, nos dedicaremos neste capítulo, ao estudo do conceito de prazer nos escritos de Freud sob a luz de sua última teoria pulsional.

### 3.1 – A repetição

Em 1920, Freud retoma um problema que havia deixado de lado desde o "Projeto para uma psicologia científica" (1895). Ao nos voltarmos para a questão da repetição, que regeria a pulsão de morte antes da implantação do princípio do prazer, nos deparamos com as considerações de Antonello (2011) que afirma que a questão da repetição da experiência de dor trouxe para Freud impasses que não pôde resolver sob a luz do "Projeto para uma psicologia científica" (1895) fazendo com que esta problemática fosse descartada (CAROPRESO, SIMANKE, 2006). Devido a estes e outros problemas, em 1900 ingressamos no primado da satisfação e nos deparamos com o prazer sendo o fim buscado pelos processos psíquicos.

Dentro deste panorama, a questão da repetição sempre esteve presente, desde o primeiro modelo *oficial* de aparelho psíquico apresentado em: "Interpretação dos sonhos" (1900) onde nos deparamos com toda a relação dinâmica entre: desejo - princípio do prazer - formações inconscientes - recalque; e até mesmo o próprio movimento regrediente que este aparelho adquire no processo do sonho.

No entanto, em 1920 a questão da repetição sofre uma mudança de extrema importância; retomando a questão do traumático Freud propõe - partindo de suas suposições teóricas - uma solução para o enigma referente à repetição das experiências dolorosas.

### 3.1.1 - Desejo e repetição

O modelo do desejo é apresentado por Freud desde 1895, salvo algumas modificações já apresentadas, se mantém até 1920 como o grande modelo de funcionamento do aparelho psíquico. Não apenas por ser a base sobre a qual este aparelho se constitui, mas também, por continuar, ao longo da vida do sujeito, funcionando como seu motor. Após a virada de 1920 a repetição dividirá o pódio com a experiência de satisfação, no entanto, como uma força mais primitiva em ação. Ao pensarmos nessa reviravolta começamos a nos questionar sobre como o desejo poderia ser regido pela repetição desde seus primórdios.

Seguindo os moldes do prazer enquanto processo e princípio, o desejo pode ser pensado como a maior de todas as repetições, onde esta é trazida de forma atualizada e não apenas revivida. Garcia-Roza (1997 [1990]) aponta a impossibilidade de alcançar a satisfação plena na relação humana corpo - objeto por ser esta mediada pela linguagem. E aqui nos deparamos com um problema: a meta da pulsão é a satisfação, no entanto esta só pode ser alcançada na relação com um objeto, este por si só incapaz de conferir a satisfação plena ao sujeito. Garcia-Roza (1997 [1990]) ainda aponta que este objeto absoluto, que seria capaz de satisfazer de forma plena, é faltoso; ou seja, ele nunca existiu enquanto objeto da pulsão. Podemos pensar que este objeto foi, desde o início, construído fantasmaticamente sobre uma experiência de satisfação primordial, como apresentado em 1895.

Nesse sentido, outros objetos são colocados neste lugar *vazio* onde a pulsão insiste em se satisfazer, mesmo que de forma incompleta. Esse deslizamento sobre os objetos de desejo, que podem ser dos mais variáveis, gravita em torno de objetos candidatos a tamponar essa falta inerente ao ser humano. E é neste intervalo entre um objeto e outro que se inscreve o desejo, como algo que nunca poderá ser de fato satisfeito. "(...) a falta, isto é, a busca de um objeto susceptível de assegurar a satisfação do prazer não imediatamente acessível, abre a

dimensão do desejo." (GREEN, 2008 [2002], p.87). Neste movimento de constante retorno da pulsão - após se deparar novamente com a incapacidade do objeto de preencher esta falta - que se dá sua repetição, sendo ela própria enquanto força, constante - e não dotada de um ritmo - repetição. (GARCIA-ROZA, 1997 [1990]).

Mezan (2013, p.104) afirma que ao pensarmos a experiência a partir da óptica da psicanálise esta noção muda completamente; afinal, quando pensamos em um sujeito constituído a partir do desejo a experiência - seja ela dolorosa ou satisfatória - é sempre um *reencontro*. Assim, o sujeito visaria significações não redutíveis a coisas onde a fantasia adquire então um papel determinante.

Diferente do instinto que possuiria um objeto pré definido, de certa maneira, a relação entre um objeto e a pulsão - ou melhor dizendo, entre um objeto e sua capacidade de satisfazer a pulsão - se daria então pautada sobre o desejo e a fantasia. "(...) um objeto só se constitui objeto da pulsão se este se fizer objeto do desejo. Como é pela fantasia que um objeto se articula com o desejo, ela é a mediação necessária entre a pulsão e o objeto." (GARCIA-ROZA, 1997 [1990], p. 65)

É justamente este movimento constante impulsionado pela pulsão e pautado sobre o desejo que confere a este aparelho seu desenvolvimento - mesmo tendo como motor algo que segue as leis da repetição.

Em termos de constituição subjetiva, a ideia de repetição das experiências prazerosas levando a um desenvolvimento do aparelho psíquico já é trazida por Freud em 1895, onde o caminho para a satisfação seria facilitado. Não obstante, a alucinação - que seria a repetição da experiência - levaria à frustração. Esta frustração desencadearia, progressivamente um desenvolvimento do aparelho, o que permitiria ao sujeito ingressar no registro da realidade; podendo assim construir desejos reais, que embora não possam ser imediatamente satisfeitos, não seriam fruto de um processo alucinatório, mas do movimento dinâmico deste sujeito inserido na realidade, produto de sua relação com o outro.

Sabemos que, apesar de inicialmente onipotente, o sujeito não pode permanecer neste estado para sempre, e assim, com a incidência da castração, seus desejos são limitados. A primeira proibição é de fato a mais difícil: limite à relação com a primeira figura de amor; esta traz à tona um desejo impossível: *afastar* o responsável por interferir nesta relação, *o pai*. No entanto, *o pai* é uma figura ameaçadora, um castrador que embora possibilite a escolha fantasmática entre seu próprio *falo* ou *a mãe* torna inevitável o atravessamento desta fase como um castrado - alguém que já sabe que não pode ter acesso a tudo que deseja (teve de

escolher entre o amor à mãe ou a piedade do pai) (FREUD, 1924). Esta figura parental potente, e castradora é então introjetada pela criança, que passa a ter em si uma instância reguladora - Supereu - que se encarregará de proibir e punir os futuros desejos *impossíveis* do sujeito. (FREUD, 1923). Neste sentido, Antonello (2011) afirma que existiria no aparelho psíquico desde o início inclinações a abandonar representações aflitivas, assim sendo, a consciência só poderia investir em uma representação se estivesse apta a inibir o possível desprazer que esta viesse a gerar.

Deparamo-nos então com o processo de recalçamento, que emerge em decorrência destas proibições, pois os desejos continuam a surgir, mesmo que conflituosos para o sujeito; e permanecem a exigir sua satisfação, mesmo que de forma indireta. Afinal, é a partir do desprazer gerado por um desejo sexual proibido que se dará este processo defensivo, onde, a satisfação não cessa de ser buscada, acarretando a reincidência deste conteúdo, agora modificado.

Isso nos leva a pensar, ao menos até 1920, no papel fundamental do desejo em possibilitar que a repetição assumisse um protagonismo na base dos processos psíquicos; pois seria em decorrência do desejo - como no caso das formações de compromisso - ou em defesa dele - como no caso do recalque - que o caráter repetitivo emergiria nestes processos.

### **3.1.2 - Recalque e repetição**

Em meio a um aparelho psíquico regido por instâncias que impedem o acesso de conteúdos conflituosos para a consciência; onde estes conteúdos tendem a buscar insistentemente seu retorno através das formações de compromisso, já nos deparamos com o movimento repetitivo. A repetição seria então uma das tentativas de se alcançar a descarga.

Tendo em vista o processo de recalçamento, entendemos que nele, o afeto é cindido de sua representação não por esta ser intolerável, mas por sua união com este afeto o ser; e nesse sentido, ao retornar, este afeto deve estar vinculado a outra representação, associada à primeira, mas ainda assim deslocado de suas intenções iniciais.

Sobre esta questão do recalque, das formações inconscientes e da repetição, Mezan (2013) completa afirmando que quando um conteúdo reprimido é intensamente investido pelo desejo inconsciente, ele sucumbe ao processo primário; procurando uma via motora ou alucinatória para a descarga. Quando inserido no processo secundário, o conteúdo reprimido é então deformado - o que aponta para as duas forças opostas em ação neste processo -

irrompendo de forma indireta - o que Mezan (ibid., p. 104) afirma ser apenas mais uma forma de disfarçar seu fracasso em manter o conteúdo longe da consciência.

Todas as experiências dolorosas sofridas na vida infantil e que foram recalçadas são então revividas pelo neurótico. Esse fenômeno é constatado na clínica, onde inserido no vínculo transferencial o sujeito atua, repete, atualiza e revive sofrimentos passados. É claro que este tipo de experiência não se restringe ao *setting*, seria um fenômeno normal da vida do sujeito, e que diria respeito não a experiências vividas *em si*, mas a *como* estas foram vivenciadas pelo indivíduo; o que virá a influenciar de forma direta no modo pelo qual se darão suas relações objetais.

A este respeito, Antonello (2011) ressalta que o afeto irá revelar uma verdade sobre o que o sujeito não é capaz de enunciar em palavras; este afeto estaria então referido a uma representação ausente, conferindo ao sintoma neurótico suas lacunas características. O autor ainda completa, afirmando que o objetivo do recalçamento, enquanto defesa, é afastar o desprazer com o qual o sujeito se defrontará graças ao afeto ligado a determinada representação, no entanto, o movimento repetitivo do retorno do recalçado indicará uma falha neste processo possibilitando a eclosão do desprazer.

Nos deparamos então com uma questão: porque submeter nossos desejos aos efeitos do recalque, se apesar disso estes permaneceram como fonte de desprazer? Pois como Freud anunciou em seus escritos *sociais*, este seria o preço a se pagar pela vida em sociedade; que seria um mal necessário (ENRIQUEZ, 1983). A limitação imposta aos nossos desejos - não apenas no corpo social mas como instância psíquica introjetada sobre a forma de um Supereu feroz - seria o preço a se pagar a fim de controlar o livre escoamento das pulsões agressivas, onde o homem se tornaria o lobo do homem.

Nesse sentido dizemos que o conflito neurótico é um conflito interiorizado pois se dá entre as instâncias psíquicas e a realidade. Green (2008 [2002]), questionando-se sobre qual seria o objetivo da análise e sobre a questão da *normalidade*, pergunta: "O que é que o indivíduo faz de seus conflitos?"(GREEN, 2008 [2002], p. 283) respondendo que este problema está remetido de forma implícita ao destino destes conflitos, de acordo com a potencialidade destes - seguindo Eros e a pulsão de morte, relação que veremos mais adiante.

Tendo em vista todo este panorama, mesmo como retorno do recalçado o objetivo principal do conteúdo reprimido ainda era a satisfação, o que, em 1920 não observava-se nos pacientes traumatizados pela guerra. Nestes casos, o retorno do traumático, do doloroso, não

parecia estar ligado a ideia de alcance de satisfação. Tais constatações levaram Freud a repensar sua teoria agora à luz da compulsão à repetição.

### **3.1.3 - O caráter compulsivo da repetição**

Recalque (e o retorno do recaiado), princípio do prazer (e de realidade) e formações do inconsciente, todas estas figuras sempre estiveram inseridas na lógica da repetição. O que nos faz pensar, assim como Freud (1920) que este modelo repetitivo - no caso a compulsão à repetição - estaria para além da regência do princípio do prazer. Este *para além*, a nosso ver, significa algo mais primitivo, algo que também o rege, e não algo que retire sua importância enquanto princípio de funcionamento. No entanto, se assim procede, outros princípios poderiam também reger este aparelho psíquico.

Em 1920, Freud traz à tona novamente a questão da vivência de dor, e ao debruçar-se sobre as neuroses traumáticas, ele pensa na própria repetição desta dor. Questão que contradizia de certa forma o princípio do prazer e a ideia de que este aparelho psíquico estaria sempre buscando o alívio de tensão assim como reviver satisfações passadas. Aqui, deparamo-nos então com uma neurose que não teria por fim a realização indireta e permitida de um desejo proibido, ao invés disso seria fonte de sofrimento para o sujeito, suscitando neste angústia.

Caropreso e Simanke (2006) afirmam que, tendo em vista o "Projeto para uma psicologia científica" (1895), enquanto as experiências de satisfação dariam origem aos estados de desejo; as experiências de dor (podemos pensar aqui no trauma como apresentado por Freud em 1920) dariam origem aos estados de angústia. A fixação destes sujeitos no momento dos traumas era visível até mesmo na cena onírica: nesta, longe de realizarem desejos e fantasias inconscientes, transportavam novamente o sujeito para o evento traumático, culminando em acessos de angústia. E foi esse fenômeno das neuroses traumáticas e das chamadas neuroses de destino que levaram o fundador da psicanálise a pensar a questão da *compulsão a repetição*.

O caráter compulsivo assumido pela repetição mudou então todo um panorama já existente, onde os fenômenos repetitivos encontravam-se na base dos processos psíquicos há muito trabalhados. A própria questão do recalque, que se configura como conceito chave no que tange às psiconeuroses de transferência fala a favor de um processo repetitivo. E embora aqui nos deparemos com a reincidência de conteúdos muitas vezes desagradáveis para o sujeito, no retorno do recaiado, diferente do caso da compulsão à repetição, se configura

como desprazer para uma instância e prazer para outra. Mezan (2013) afirma que se o paciente repete apesar da resistência, esse processo vai contra o princípio do prazer, e é isso que ocorre na compulsão à repetição; ele sinaliza então que graças à resistência, que bloqueia o acesso à linguagem e assim a consciência do material recalçado, a compulsão a repetição deve ser atribuída ao conteúdo reprimido. Mezan (2013) ainda afirma que como o Eu torna necessária a expressão do reprimido pela via da repetição não há defesas contra esta, e assim nos deparamos com seu caráter compulsivo que a coloca mais aquém do princípio do prazer.

Neste panorama Freud pensa a experiência traumática, como ocorrendo em decorrência de uma inundação do aparelho psíquico por estímulos provenientes do mundo exterior. Tendo em vista o modelo de aparelho psíquico proposto até então, temos: na periferia do aparelho psíquico o sistema de paraexcitação, que está exposto a estímulos externos. Este sistema é o responsável pelo recolhimento dos estímulos externos, os estímulos perceptivos, mas não possui memória. É uma membrana porosa, para possibilitar a passagem desses estímulos. Quando os estímulos atravessam esta membrana se inscrevem como marcas<sup>28</sup>. Essas marcas devem ser ordenadas segundo sua proximidade no tempo e no espaço, formando assim os traços mnêmicos. Esse conjunto de traços mnêmicos, formados por signos perceptivos constituem o inconsciente propriamente dito. Ao mesmo tempo, verificamos no pré-consciente cadeias referentes à nomeação. Deste processo de junção dos traços mnêmicos com as cadeias de nomeação advêm a consciência. Assim, na experiência traumática, ocorreria um dano na membrana responsável por filtrar os estímulos que entram no aparelho - membrana de paraexcitação -; ocorre então a inundação do aparelho psíquico por estímulos externos. Com a inundação deste aparelho, sua organização em uma cadeia espaço temporal não é possível. A compulsão à repetição seria justamente a tentativa de organizar o que não pôde ser organizado no trauma; ou seja, uma tentativa de significar algo que, devido a seu caráter de excesso, não pode ser significado.

É claro que a maior parte do que a compulsão de repetição faz reviver causa necessariamente desprazer ao Eu, pois traz à luz atividades de impulsos instintuais reprimidos, mas é um desprazer que já consideramos, que não contraria o princípio do prazer, é desprazer para um sistema e, ao mesmo tempo, satisfação para o outro. (...) a compulsão a repetição também traz de volta experiências do passado que não possibilitam prazer, que também naquele tempo não podem ter sido satisfações. (FREUD, 1920, p. 179)

---

<sup>28</sup> A marca mnêmica seria um tipo de impressão que não participa da cadeia de representação, o que impede sua evocação enquanto lembrança. Para se inscrever como um traço mnêmico ou uma marca, a impressão deve ter força para causar alguma sensação no psiquismo, como Antonello (2011) ressalta, a marca seria a expressão da pura intensidade.

Como ressaltado acima, estas experiências que a princípio elevariam a tensão no sistema indo assim contra o princípio do prazer, também atuam como fonte de prazer. O que nos leva a pensar no proposto por Freud mais adiante neste mesmo texto: uma força, uma pulsão, que regida pela compulsão à repetição seria “Além do princípio do prazer” (1920).

Este além se refere não a algo que contrarie o princípio do prazer ou o elimine, mas algo que parece reger o sistema anteriormente a sua instauração; uma pulsão que diferente do princípio do prazer atua como uma força disjuntora, ou seja, em uma certa conformidade com a energia livre no aparelho; e não mais agindo para sua ligação e posterior liberação. E então Freud formula em 1920 o novo dualismo pulsional: *Pulsão de Vida (Eros) X Pulsão de Morte*. Diferente dos dualismos anteriores no entanto, estas duas forças pulsionais não parecem geradoras de conflito, embora tenham, a princípio funções deveras antagônicas.

Como apontado por Garcia-Roza (1993 [1986]) é a partir deste estudo sobre a compulsão à repetição que Freud sente a necessidade de modificar seu dualismo pulsional, contrapondo agora as ditas Pulsões de vida X Pulsões de Morte.

A compulsão à repetição, que foi a princípio a única manifestação da pulsão de morte apontada por Freud, encontrava sua justificativa no fato de que contrariava o princípio de prazer, ou melhor, ela nos remetia para um "além do princípio de prazer", exatamente porque não encontrava sua justificativa no princípio de prazer no fato de que nenhuma das instâncias psíquicas parecia se beneficiar dela. Assim, sendo, ela nos remetia para algo mais primitivo e mais fundamental, que Freud identificou como sendo a pulsão de morte. (GARCIA-ROZA, 1993 [1990], p.54)

O fenômeno da repetição, a proposição da pulsão de morte, a tentativa de elaboração e outros fenômenos trabalhados neste texto nos fazem refletir sobre o caráter repetitivo da própria pulsão enquanto fronteira entre o psíquico e o somático, força motriz do psiquismo.

Refletindo sobre a relação da pulsão com a repetição algumas questões nos vem a mente: afinal, não seria característico da pulsão esta repetição? Em que se diferiria a repetição traumática da repetição pela busca da satisfação? Não seriam ambos movimentos de “busca” imposto ao sujeito<sup>29</sup>? Não estaria esta compulsão à repetição atuando em prol do princípio do prazer no sentido de uma tentativa de elaboração para escoamento do excesso traumático? São muitas perguntas relevantes para o texto mais hipotético e polêmico da obra freudiana.

Afinal, a pulsão enquanto demanda constante de trabalho do psiquismo, é repetitiva em si. Este fenômeno psíquico é a forma pela qual não apenas se constitui a dinâmica do

---

<sup>29</sup> Busca do objeto perdido da primeira experiência de satisfação, e, busca pela elaboração de um traumático.



aparelho como também suas principais formações. Seja no âmbito do desejo<sup>30</sup>, das formações inconscientes ou nos próprios fenômenos apresentados por Freud em "Para além do princípio do prazer" (1920); o aparelho psíquico apresenta, desde o período pré-psicanalítico<sup>31</sup>, esse caráter regressivo/repetitivo.

Tendo em vista estas considerações, acreditamos ser válido pensar a repetição como algo a favor de Eros, mas também a favor da pulsão de morte; afinal na repetição há uma ruptura, uma disjunção para que posteriormente possa haver uma reunião; atuando assim simultaneamente à favor de Eros – pulsão de vida, união das pulsões de autoconservação e das pulsões sexuais, força de ligação – e da pulsão de morte – força de separação, tendência a disjunção como retorno a um estado anterior. Como trazido pelo exemplo do “Fort-Da”, o caráter prazeroso da repetição pode advir de uma mudança da posição passiva para ativa, o que pensamos que poderia ser visto como uma reafirmação da onipotência<sup>32</sup>.

Não devemos perder o foco no entanto, que nada disso é contestado por Freud, o que ele busca trazer para a discussão neste texto não é apenas o fenômeno da repetição<sup>33</sup>, mas a compulsão a repetição. Esta sim, impulsionaria o sujeito em uma direção para “Além do princípio do prazer.”. (...) a maioria dos fenômenos de repetição, apesar de indicarem um mais além, sofrem a interferência do princípio do prazer. Mas a repetição de situações dolorosas age de forma independente deste princípio (...) (FORTES, 2012, p.91). Sobre isso, Mezan (2013) afirma que o reprimido insiste em sua tentativa de expressão, apesar do desprazer que cada nova repressão possa desencadear, assim como também a realização "desimpedida das exigências pulsionais" (MEZAN, 2013, p. 254) desencadearia a experiência de desprazer. Mezan (ibid.) ainda afirma que: a resistência provém do Eu, que proíbe a emergência de conteúdos que lhe sejam conflituosos - gerando desprazer; e, se o paciente repete, apesar das resistências expressas, esta repetição apresenta então uma faceta oposta ao princípio do

---

<sup>30</sup> Podemos pensar o desejo como uma tentativa de repetição de uma satisfação experienciada.

<sup>31</sup> Por exemplo, se pensarmos no método hipnocatártico, este também pode ser visto como uma repetição, através da rememoração, que levaria a cura.

<sup>32</sup> Afinal, o que seria mais onipotente do que agir ativamente sobre a experiência desprazerosa, assumindo, de certa forma *o controle* dela?

<sup>33</sup> Devemos ter em mente que tais fenômenos repetitivos há muito já vinham sendo observados na clínica psicanalítica; seja a partir da insistência do conteúdo reprimido em advir a consciência, apresentando um modelo repetitivo-regressivo nas formações inconscientes, tendo em vista a transferência como uma delas; seja pelo próprio movimento repetitivo que o motor desejante adquire, vide capítulo 1. "O instinto reprimido jamais desiste de lutar por sua completa satisfação, que consistiria na repetição de uma vivência primária de satisfação;"(Freud, 1920, p. 210)

prazer. Logo, Mezan (ibid.) conclui que a repetição se dá *devido* às resistências, que bloqueiam o acesso do conteúdo recalcado à consciência, fazendo com que este não cesse de buscar sua expressão.

Estranha situação: o ego, pólo organizado do psiquismo, curva-se ao Princípio do Prazer, o qual define o processo primário que ele está encarregado de inibir! A repetição aparece sob a forma de uma compulsão, isto é, uma necessidade premente e cega a realizar o desejo; obviamente, o ego não compactua com esta tendência. Mas, ao bloquear a lembrança em nome do Princípio do Prazer, ele não deixa outra saída ao reprimido senão repetir-se indefinidamente; a escuta do analista, porém, identifica na repetição o que está sendo repetido, de sorte que o ego fracassa em seus propósitos e aumenta o desprazer à custa de procurar impedir sua eclosão. (MEZAN, 2013, p. 254 - 255)

É no sentido de algo que não obedece a este princípio que até então era a base de funcionamento do aparelho psíquico - cuja expressão é concomitante com as primeiras expressões psíquicas deste aparelho em formação, ou desta pré disposição em possuí-lo; é no sentido de algo que Freud observa "Além do princípio do prazer" (1920), das próprias regras pensadas até então, que em 1920 ele irá propor uma nova forma de organização das pulsões, para não dizer um novo dualismo pulsional. Resta-nos agora dedicar nossos estudos a esta nova forma de pensamento, que leva a toda uma mudança das proposições metapsicológicas até então.

### 3.2 – A pulsão de morte

A partir do estudo da repetição que desencadearia o desprazer e não o prazer, como se imaginava até então, Freud propõe em 1920 um movimento pulsional que justificaria tal incidência do conteúdo desprazeroso.

Em 1920, Freud apresenta um novo dualismo pulsional, através do par: Eros X Pulsão de morte. Tal problemática começa a ser elaborada quando em 1914 - "Introdução ao Narcisismo" - Freud formula que o Eu também pode ser objeto de investimento libidinal. Assim, embora a antiga visão dualista não seja desconsiderada, a questão passa a se referir a onde a libido está investida: no Eu ou em objetos externos. O que de fato reforça a ideia de um certo monismo da libido; onde, a diferença parece pautar-se no objeto de investimento libidinal e não em duas categorias distintas desta, como era proposto na dualidade: Pulsões do Eu X Pulsões sexuais (sendo a primeira responsável pela auto conservação e a segunda pelos investimentos objetais). Tal problemática é então repensada em 1920 à vista do novo dualismo pulsional proposto; duas forças são pensadas: uma promovendo a ligação libidinal, que atuaria como uma força de união - Eros; e outra expressando uma força de disjunção dos

investimentos libidinais - Pulsão de morte. Pensando neste jogo de forças - e nas mudanças promovidas pelas considerações de 1914 -, Freud reúne então sob o manto de Eros as pulsões do Eu e as pulsões sexuais.

É a oposição às pulsões de morte que permite apreender melhor o que Freud entende por pulsões de vida; opõe-se umas às outras como dois grandes princípios que veríamos em ação mesmo no mundo físico (atração-repulsão) e que sobretudo estariam na base dos fenômenos vitais (anabolismo-catabolismo) (LAPLANCHE & PONTALIS, 2012, p. 414)

Devemos ter em mente as palavras de Freud, que apesar de afirmar que a morte é o fim buscado pela própria vida, esta deve se dar a partir de caminhos que a propaguem por determinado tempo, a morte não é um fim visado de forma imediatista. Fortes (2012) afirma que nesta segunda teoria pulsional, a conservação é um atributo de Eros, impedindo que o caminho para a morte sofra um curto circuito devido a forças externas; e seja particular para cada sujeito - reafirmando o papel da singularidade na teoria freudiana. Assim, a ideia de conservação da vida pensada em 1920 não vai contra a morte, apenas prolonga e personaliza o caminho que culminará nela. Tais observações nos levam a pensar que nesta segunda teoria pulsional o conflito não se encontra entre as duas pulsões - Eros e pulsão de morte.

Segundo Laplanche e Pontalis (2012), a pulsão de morte seria uma categoria das pulsões que tendem para a redução completa das tensões. Como essa redução completa de tensões só seria possível na morte, essa pulsão se voltaria inicialmente para o interior, tendendo a auto destruição e, posteriormente, para o exterior onde seriam expressas pela forma de agressividade.

Pensando nisso somos levados a tentar equivaler ideias presentes no "Projeto para uma psicologia científica" (1895) àquelas trazidas posteriormente. Assim, muito foi dito sobre as semelhanças entre a pulsão de morte (1920) e o princípio de inércia (1895) - o princípio de inércia abordado em 1895 propõe que a tendência do aparelho seria a descarga absoluta, livrando-se de qualquer acúmulo de energia que pudesse gerar tensão; enquanto a pulsão de morte seria uma forma de funcionamento do aparelho psíquico anterior ao princípio do prazer, regido não por ele mas pela compulsão à repetição. Sobre isso, Caropreso e Simanke (2006) afirmam que ambos, pulsão de morte e princípio de inércia, são formulados a partir de considerações diversas, logo não se trata de afirmar que o princípio de inércia seria apenas uma prefiguração do conceito de pulsão de morte, apresentado anos depois. O princípio de inércia estaria pautado sobre uma descrição mecanicista do organismo, das funções neurais e psíquicas; enquanto a pulsão de morte se basearia em uma tendência especulativa pautada na

biologia que buscaria inscrever a tendência a anulação absoluta dos estados de tensão próprios da vida.

Laplanche e Pontalis (2012) ainda apontam que a pulsão de morte é vista por Freud como *a pulsão por excelência*, pois nelas se realiza o caráter repetitivo da pulsão. Garcia-Roza (1993 [1990]) afirma a este respeito que a distinção entre pulsão de morte e pulsão sexual corresponderia a formas de ser de uma pulsão, ou seja, o *sexual* diria respeito à inscrição da pulsão no registro da realidade psíquica, o que ocorreria por meio de seus representantes psíquicos - investimentos - e não pela pulsão em si mesma. A pulsão de morte seria assim a pulsão por excelência na medida que não necessitaria de ligação para se constituir enquanto tal. Garcia-Roza ainda aponta que isso poderia levar a uma concepção monista da pulsão, afinal, se assim fosse, antes de ocorrer a ligação teríamos apenas pulsão de morte? Ele aponta que este questionamento está correto.

Rigorosamente falando, isto é verdadeiro, pois o que permanece imerso no acaso, o que não se configura como forma, como sentido, é o que pode ser considerado como rigorosamente pulsional. A pulsão de morte é, pois, a pulsão por excelência, "A primeira pulsão" como diz Freud. (Garcia-Roza, 1993 [1986], p. 57)

Em seguida, entretanto, o autor aponta que esse *antes* da ordem, não existe de fato, logo, a pulsão sexual é sempre pulsão sexual assim como a pulsão de morte é sempre pulsão de morte. Laplanche e Pontalis (2012) consideram que a pulsão de morte poderia ser vista como a pulsão por excelência na medida em que nesta se observa de forma mais eminente, o caráter repetitivo da pulsão.

Considerando o abordado até o momento, podemos entender a pulsão de morte como uma força de *desligamento*, disjunção, que separaria a energia de suas representações - pois como vimos esta pulsão não precisa se ligar a representações. A energia fica então sob a forma de energia livre no aparelho, onde busca a descarga. O que acaba gerando uma tensão no aparelho; tensão esta que é em si só fonte de desprazer para o sujeito.

No entanto, Freud traz em 1920 a concepção de que nem toda tensão seria fonte de desprazer, exemplificando com a tensão sexual. A partir desta nova concepção sobre as tensões que não gerariam desprazer ao aparelho, podemos pensar em uma mudança mais clara do registro da quantidade para o registro da intensidade, percebendo assim, de formais mais expressiva, a faceta qualitativa deste dinamismo pulsional. Com base na distinção proposta entre desprazer e tensão, passa-se a pensar o princípio do prazer em seu caráter qualitativo, e não mais à partir do registro econômico que vigorava até então; ou seja, retomando o processo descrito por Freud no "Projeto para uma psicologia científica" (1895) no que diz respeito a

passagem das quantidades para as qualidades: um caráter *intensivo*. Fortes (2012) completa considerando que enquanto excesso a pulsão de morte se apresenta como uma *tensão peculiar*, pois não se trata de uma tensão da ordem do prazer ou do desprazer, mas da ordem da *intensidade*.

No tocante às pulsões de vida, Laplanche e Pontalis (2012) apontam que Eros teria como trabalho a tendência de ligação, seguindo a própria função do aparelho que seria, desde seu princípio, transformar a energia livre em energia ligada. Pois assim, ao se ligar a um objeto, essa pulsão poderia alcançar sua meta que é a satisfação. No entanto, eles completam afirmando que do ponto de vista econômico, a pulsão de vida se harmonizaria de forma insatisfatória com o modelo energético da pulsão como tendência para a redução de tensões.

Garcia-Roza (1993 [1986]) aponta que a partir do texto "A negativa" (1925) ocorre uma modificação considerável do conceito de pulsão de morte. Neste artigo Freud traz uma nova concepção de aparelho psíquico, desta vez não mais regido exclusivamente pelo princípio do prazer ou se adequando ao modelo homeostático proposto em "Além do princípio do prazer." (1920). Neste texto - "A negativa" (1925) - Freud retoma a questão da introjeção e da expulsão relacionadas com um Eu prazer. Essas duas formas de relação - introjeção e expulsão - estariam associadas às duas pulsões primordiais: pulsão de vida e pulsão de morte. Nesta obra Freud vincula: à afirmação, a união, às pulsões de vida; e a negação, a separação, às pulsões de morte. Podemos entender aqui porque a pulsão de morte precederia o princípio do prazer, pois, como vimos anteriormente, o mundo do bebê se constitui a partir da expulsão de tudo que é desagradável - enquanto o que é agradável permanece, formando assim um Eu prazer - e essa disjunção seria trabalho da pulsão de morte. O princípio do prazer, como vimos, viria depois que esse sistema assumisse sua função de ligação e o prazer pudesse ser percebido - pois como já explicado, o prazer precede o princípio do prazer.

Garcia-Roza (1997 [1990]) reafirma o caráter destrutivo da pulsão de morte que estaria ligada à ideia de disjunção das unidades e recusa de permanência; enquanto Eros estaria ligado à ideia de conservação e ligação. No entanto a outra face deste potencial de separação que cabe à pulsão de morte são as novas possibilidades de ligação que ela promove, o que possibilita que a vejamos como uma força renovadora e criadora; abrindo margens para novas significações. "Enquanto Eros tende à unificação, à indiferenciação, a pulsão de morte, como princípio disjuntivo, é produtora de diferenças."(GARCIA-ROZA, 1997 [1990], P.134)

Esta dinâmica ligação-separação-ligação-renovação nos leva a reafirmar nossas considerações anteriores de que este novo dualismo pulsional talvez não esteja pautado -

como de costume - sobre a ideia de conflito ante estas duas forças; podemos pensar que ambas trabalhem em conjunto para o próprio desenvolvimento do psiquismo.

(...) o conflito torna-se um conflito entre instâncias, em que o *id* acaba por representar o conjunto das exigências pulsionais por oposição ao *ego*. Foi nesse sentido que Freud disse que, num plano empírico, a distinção entre pulsões do ego e pulsões de objeto conservava todo o seu valor; (...) (LAPLANCHE & PONTALIS, 2012, p.410)

Referente a isso, podemos pensar também na ideia trazida por Ferenczi em "Talassa: ensaio sobre a teoria da genitalidade" (1929), onde a partir de uma catástrofe - trauma - o psiquismo tenderia a se reorganizar, o que classificaria alguns acontecimentos traumáticos específicos como traumas estruturantes; corroborando para seu desenvolvimento. Neste trabalho também Ferenczi ressalta o papel que o fenômeno regressivo possui no psiquismo; papel este que Fortes (2012) aponta como sendo o utilizado por Freud (1920) para positivar a morte, o que demonstraria que a vida não nos leva necessariamente a uma evolução, muito pelo contrário, como vimos ao analisar a questão da repetição esta pode remeter - e remete - diretamente a acontecimentos passados dando a ideia de um andar para trás.

O novo dualismo pulsional ganha seu colorido máximo, quando em 1930 Freud considera que a pulsão de morte pode também expressar-se na esfera social, sob a forma da agressividade. Considerando novamente a força de ligação como a promotora da vida, Freud afirma, como já o havia feito em: "Psicologia das massas e análise do Eu" (1921), que a civilização tende a se unir em torno de uma identidade, algo que seus componentes tenham em comum por meio de identificação. Neste texto, tal figura é o líder que seria a personificação dos ideais daquele grupo. Já em "O mal estar na civilização" (1930) Freud vai além disso ao considerar que esta aglutinação também protege os indivíduos daquele grupo contra as expressões dessa agressividade - própria da pulsão de morte -, e que no seio do grupo poderia ser direcionada para o exterior, para o estrangeiro, o que justificaria as guerras. (ENRIQUEZ, 1983). Assim, podemos observar que Freud transporta suas considerações anteriores sobre a constituição de um Eu prazer onde o desprazer seria projetado para fora, para a dimensão social, para a esfera grupal.

A partir deste panorama do novo dualismo pulsional apresentado por Freud em 1920, algumas modificações se mostraram necessárias no modelo de aparelho psíquico em vigor, o que acabou culminando na formulação da segunda tópica em 1923.

#### 4 – Considerações Finais

Tendo em vista tudo que foi trabalhado no presente texto, acreditamos ter traçado os paralelos necessários para, a partir de então, pensar as problemáticas referentes ao estatuto do prazer na contemporaneidade. Como trazido anteriormente, pensa-se que no panorama atual, a busca pelo prazer adquire um caráter *desenfreado e constante*. Neste ponto, retornamos a Freud em suas considerações sobre "O mal estar na civilização" (1930), onde é trazida a ideia da civilização como um mal necessário, que leva os sujeitos a renúncia libidinal. No entanto, na sociedade contemporânea acreditamos vislumbrar uma busca pelo fim desta renúncia. Frases como: "Você faz o que te faz feliz?", "Não destrandose os transantes!", falam a favor de um imperativo da busca pelo prazer; em um panorama onde vemos recentemente indícios de tentativa de ruptura com os antigos valores limitadores do prazer individual.

Muito tem sido discutido atualmente sobre a possível queda de uma autoridade simbólica, ou seguindo as ideias de Zygmunt Bauman, sobre uma mudança em relação a sociedade moderna<sup>34</sup>; agora, as organizações sociais não conseguem mais se manter em vigor por muito tempo, não podendo mais servir de "(...) arcabouço de referência para as ações humanas." (BAUMAN, 2007 [1925], p. 7), o que, dentre outros fatores, acarretaria no surgimento da sociedade líquida na qual nos encontramos inseridos. Este autor ainda faz considerações sobre a sociedade de consumo contemporânea, onde, defende a queda da ideia de relações duráveis com os objetos em prol de relações passageiras e necessidades apenas parcialmente satisfeitas; estas relações seriam vistas somente como parte do caminho para a próxima satisfação, em um mundo onde nenhum desejo seria visto como último. Tal sociedade de consumo, traria como marca principal de suas relações: a volatilidade e a liquidez; onde a temporalidade interna prega um compromisso que perdure apenas o necessário para o consumo do objeto de desejo, ou enquanto este objeto permanecer conveniente.

Podemos, a partir disto pensar que ao ingressar nesta lógica de consumo, onde, o visado não é mais a satisfação em si, mas o próprio prazer momentâneo que emana desta *busca constante*<sup>35</sup> - onde o importante parece ser o *viver para consumir* -, o sujeito é inserido

---

<sup>34</sup> Bauman (2007) caracteriza a sociedade moderna como uma sociedade sólida, onde, as organizações sociais em vigor seriam responsáveis por restringir as escolhas individuais, promover padrões de comportamento aceitáveis pondo em vigor assim uma determinada moral social.

<sup>35</sup> Bauman ([s.d.], p.3) considera que a busca constante por satisfação não é mais vista como fonte de mal estar, agora o verdadeiro tormento advém dos desejos que ainda não foram percebidos, no entanto já se

em um panorama *perverso* onde qualquer objeto que possa contribuir para a continuidade desta dinâmica de consumo é permitido. Modificando o foco das antigas leis sociais para a proibição das próprias restrições que limitem esta lógica.

Tais ideias retomam os pontos trabalhados na introdução do presente trabalho, onde ressaltamos a possibilidade da existência de uma busca de prazer não regida pela lógica do desejo (BIRMAN, 2005). Como pudemos ver, a ideia de desejo em psicanálise estaria remetida à tentativa de reviver uma satisfação experienciada precocemente; e estreitamente vinculada ao princípio do prazer. No entanto, a própria questão do prazer nos remete a importantes questionamentos que estariam intimamente ligados a esta busca e que nos direciona à diferenciação entre prazer e princípio do prazer. Afinal, a descarga do acúmulo de tensão no aparelho já estaria em acordo com o princípio do prazer, aludindo a uma ideia econômica e um princípio quantitativo. Porém, quando pensamos em satisfação, desejo, nos objetos referidos a estas ideias e na especificidade da pulsão, somos levados novamente a um pensamento qualitativo, onde parece que para ocorrer a satisfação não basta apenas a descarga com um objeto qualquer, é necessário o objeto específico que a possibilitará. Para pensar em tal problema voltamos ao "Projeto para uma psicologia científica" (1895), onde Freud ao se encarregar do problema da transformação das quantidades em qualidades infere que a percepção do objeto pela consciência estaria relacionada a ideia de um período de *intensidade*. Esta intensidade, que seria formada então à partir das quantidades de excitação daria a consciência a percepção referente a qualidade. Sobre isso, Fortes (2012) ressalta que as qualidades se dariam então pela impressão de signos no intervalo entre as estimulações da excitação; o que levaria a consideração de que os signos em si não seriam uma marca impressa pelo objeto, mas a marca da diferença de excitação esta sim promotora de qualidade. Assim sendo, as qualidades seriam então a diferença entre as quantidades.

E aqui nos deparamos com todo o processo de facilitação do caminho pelo qual a satisfação se deu. Podemos então pensar no prazer enquanto processo remetido a uma ideia de intensidade. Refletindo sobre esta questão, Fortes ressalta os dois caminhos apontados por Freud como "(...) possíveis em relação ao prazer: a evitação do desprazer ou a obtenção do prazer."(Fortes, 2012, p.66). Aqui podemos pensar que a obtenção do prazer estaria vinculara

---

caracterizam como uma promessa tentadora para o sujeito. É nesse sentido que Bauman retira a satisfação como objetivo do desejo colocando o próprio desejo em seu lugar.



a ideia de intensidade; visto que o sujeito poderia obter prazer de situações de tensão, e não apenas da liberação deste excesso de energia no aparelho.

(...) a questão da dor e do prazer é deslocada para o campo das intensidades, ou seja, o que está em jogo aqui não é a visão hedonista de que viver é ter prazer e fugir da dor, mas sim uma proposta ética de viver a vida na sua intensidade, ainda que de maneira dolorosa. (FORTES, 2012, 83)

Tais considerações nos fazem indagar sobre o que na dinâmica contemporânea leva este sujeito à busca de uma descarga imediata? Esta intensidade nos remete à própria dinâmica do desejo, que parece não mais se fazer representar na dinâmica psíquica do sujeito, mas em sua dinâmica relacional de um modo geral - pensando aqui na constante modificação dos objetos buscados no mundo exterior e no movimento incessante que esta busca adquire. Assim, se pensarmos o aparelho psíquico como um mediador entre o estímulo recebido e a resposta gerada pelo sujeito; ao mesmo tempo dando um sentido a este estímulo que deverá então ser descarregado seguindo as regras e limitações da realidade. O que ocorre na contemporaneidade é que essa mediação parece não estar em vigor. Logo, a busca pelo prazer, ou melhor, pela descarga parece assumir um caráter compulsivo e muito mais vinculado a uma configuração anterior ao ingresso no princípio de realidade e às limitações por ele impostas. O que leva-nos a considerar que a satisfação a qualquer preço - carregada de um certo imediatismo - e a própria proibição do *proibir* parecem falar a favor de uma configuração muito similar a do princípio do prazer, sem levar em consideração o princípio de realidade. O que nos leva a uma nova questão: nestes casos o que estaria em vigor seria uma falta de mediação (tal qual o modelo do arco reflexo, onde um estímulo desencadeia uma resposta imediata e automática); ou o que opera nestes sujeitos é uma falha no desenvolvimento do princípio do prazer em seu correlato princípio de realidade?

Á vista do estatuto desenfreado desta busca de prazer observada no sujeito contemporâneo também levantamos a seguinte questão: se esta busca segue a lógica de uma sociedade líquida como propôs Bauman, podemos pensar que ela esteja de alguma maneira agindo a favor da pulsão de morte? Uma força - uma pulsão - que governa o sujeito a partir da energia livre em vigor no aparelho, sem esta sofrer as influências fantasmáticas inscritas na teia desejante, algo que busca uma descarga econômica, na tentativa de desprazer, se configurando como um mecanismo de fuga constante de desprazer e não de busca de prazer?

Se considerarmos esse caráter desenfreado como uma faceta desprovida de desejo, onde o objetivo seria o consumo - o *ingerir* objetos na tentativa de preencher a falta

característica do humano (GREEN, 2008 [2002], p. 184) - estaríamos de fato nos aproximando de um comportamento compulsivo.

De fato são muitos fatores a serem analisados e muitas questões relevantes buscando respostas. Mas, em um mundo onde o imperativo geral do consumo abre um leque quase infinito de possibilidades de investimento pulsional em objetos exteriores - sem no entanto estes serem envolvidos pelo tecido fantasmático; o desejo - inconsciente - cede lugar ao querer - consciente. E assim, seguindo a frase de ordem: "Poder é querer", em uma sociedade onde diversos autores apontam uma queda da autoridade simbólica, que rege e limita o sujeito, eu *tudo posso*, então *tudo quero*.

## 5 - Referências Bibliográficas

ANTONELLO, Diego F. **A repetição e seus destinos na obra de Freud**. 2011. p. 120. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007 [1925]

BIRMAN, Joel. [Entrevista] 07/07/2014. Online [para] CPFL Cultura. **Caos e trauma no mundo contemporâneo com Joel Birman**. Disponível em: <<http://www.cpfcultura.com.br/2014/07/07/caos-e-trauma-no-mundo-contemporaneo-com-joel-birman-versao-tv-cultura/>> Acesso em: 23 de junho de 2015

\_\_\_\_\_. **Um outro lugar para o analista**. In: HERZOG, R. & PACHECO-FERREIRA, F. *De Édipo a Narciso: a clínica e seus dispositivos*, Rio de Janeiro: Companhia de Freud, p. 79-93, 2014.

\_\_\_\_\_. **O sujeito desejante na contemporaneidade**. Seminário de Estudos em Análise do Discurso. Instituto de Letras Universidade Federal do Rio grande do Sul, Porto Alegre, 2005. Disponível em: <<http://anaisdosead.com.br/2SEAD/CONFERENCIA/JoelBirman.pdf>> Acesso em: 02 de Junho de 2015.

\_\_\_\_\_. **O sujeito na contemporaneidade**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CAROPRESO, Fátima; SIMANKE, Richard T. **Compulsão à repetição: um retorno às origens da metapsicologia freudiana**. *Ágora*, Rio de Janeiro, v. IX n. 2, p. 207-224, jul/dez 2006

DOLTO, Françoise. **A imagem inconsciente do corpo**. São Paulo: Perspectiva, 2012 [1984]

ENRIQUEZ, Eugene. **Da horda ao estado: Psicanálise do vínculo social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

FERENCZI, Sandor. **Obras completas**. São Paulo: WMF Martins e Fontes LTDA, 2011.

(1909) "Transferência e Introjeção". Vol I

(1913) "O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios". Vol II

(1929) "Talassa: ensaio sobre a teoria da genitalidade". Vol III

FORTES, Isabel. **A dor psíquica**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2012.

FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

(1895) "Projeto para uma psicologia científica". Vol.I.

(1900) "A interpretação dos sonhos". Vol. IV.

(1905) "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade". Vol. VII.

FREUD, S. **Obras Completas**. São Paulo: Companhia das letras, 2010 - [...].

(1911) "Formulações sobre os dois princípios de funcionamento psíquico". Vol X

(1914) "Introdução ao narcisismo". Vol XII

(1915) "Os instintos e seus destinos". Vol XII

(1915a) "O Inconsciente". Vol XII

(1920) "Além do princípio do prazer". Vol XIV

(1921)"Psicologia das massas e análise do Eu". Vol. XV

(1923) "O Eu e o ID". Vol XVI

(1924) "A dissolução do complexo de Édipo". Vol XVI

(1925) "A negação". Vol XVI

(1926) "Inibição, sintoma e angústia". Vol XVII

(1930) "O mal-estar na civilização". Vol XVIII

GARCIA-ROZA, Luiz A. **Acaso e repetição em psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993 [1986].

\_\_\_\_\_. **Introdução a metapsicologia freudiana, vol 1: Sobre as afasias (1891) O projeto de 1895**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012 [1991].

\_\_\_\_\_. **Introdução a metapsicologia freudiana, vol 3: Artigos de metapsicologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008 [1995].

\_\_\_\_\_. **O mal radical em Freud**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997 [1990].

GREEN, Andre. **Orientações para uma psicanálise contemporânea**. Rio de Janeiro: Imago, 2008 [2002]

HERZOG, Regina. **Da falta à ausência de referência: o vazio na Psicanálise**. In: *Ágora*, Rio de Janeiro, v.2 n.1, p. 55-73, jan/jun 1999.

\_\_\_\_\_. **As duas faces do desejo**. In: COSENTINO, Juan C. *O estranho na clínica psicanalítica: vicissitudes da subjetividade*, Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2001

\_\_\_\_\_. **O estatuto da *bindung* na contemporaneidade**. In: *Interações*, v. 8 n. 16, p. 37-56, jul/dez 2003

HERZOG, Regina; PACHECO-FERREIRA, Fernanda. **Para introduzir o narcisismo... cem anos depois**. In: HERZOG, R. & PACHECO-FERREIRA, F. *De Édipo a Narciso: a clínica e seus dispositivos*, Rio de Janeiro: Companhia de Freud, p. 09-20, 2014.

LACAN, J. (1953). **Fala Vazia e Fala Plena na Realização Psicanalítica do sujeito**. In: *Escritos*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Martins e Fontes, 2012 [1982]

MEZAN, Renato. **A trama dos conceitos**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

MOGRABI, Daniel; HERZOG, Regina. **Sob o signo da incerteza: autoridade simbólica e desamparo**. In: Estudos de Psicologia, Natal, v.11, n.2, mai/ago 2006.

Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X2006000200001&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X2006000200001&script=sci_arttext)

> Acesso em: 02 de Setembro de 2015

MOGRABI, Daniel; HERZOG, Regina. **A dimensão trágica da (in)felicidade: ética e singularidade**. In: Cad. Psicanál., SPCRJ, Rio de Janeiro, v. 22, n. 25 p. 123 - 138, 2006

PINHEIRO, Teresa. **O modelo melancólico e os sofrimentos da contemporaneidade**.

In: VERZTMAN, J.; HERZOG, R.; PINHEIRO, T. & PACHECO-FERREIRA, F. *Sufrimentos narcísicos*, Rio de Janeiro: Companhia de Freud, p. 17-38, 2012.

ZUBERMAN, José. [Entrevista] 2009. Online. [para] IHU On-Line, Porto Alegre. **A ética atual não valoriza o fato de sustentar o desejo**. Disponível em:

<[http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=2722&secao=303](http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2722&secao=303)> Acesso em: 20 de junho de 2015